

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR – ENS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAIO CÉSAR CAMPOS GUIMARÃES

POSSIBILIDADES TRANSGRESSORAS NA LITERATURA INFANTIL

MANAUS

2020

CAIO CÉSAR CAMPOS GUIMARÃES

POSSIBILIDADES TRANSGRESSORAS NA LITERATURA INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Escola Normal Superior – ENS, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msa. Ceane Andrade Simões

MANAUS

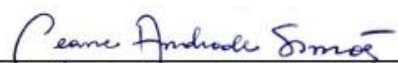
2020

TERMO DE APROVAÇÃO

CAIO CÉSAR CAMPOS GUIMARÃES

O trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Possibilidades transgressoras na Literatura Infantil”, realizado pelo (a) acadêmico (a) Caio César Campos Guimarães, foi julgado e aprovado por todos os membros da Banca Examinadora para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas e foi apresentado dia 03 de dezembro de 2020.

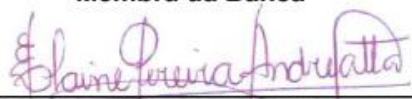
BANCA EXAMINADORA



Professora Ceane Andrade Simões
Orientadora



Professora Danielle Pinto Coelho
Membra da Banca



Professora Elaine Pereira Andreatta
Membra da Banca

MANAUS
2020

ATA DE AVALIAÇÃO FINAL DE MONOGRAFIA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome do aluno: CAIO CÉSAR CAMPOS GUIMARÃES

1.2 Título do trabalho: POSSIBILIDADES TRANSGRESSORAS NA LITERATURA INFANTIL

1.3 Orientadora: CEANE ANDRADE SIMÕES

Trabalho Escrito 0,0 a 6,0	Apresentação Oral 0,0 a 4,0	Média Final 0,0 a 10
6,0	4,0	10

Assinatura da Comissão de Avaliação



Professora Ceane Andrade Simões
Orientadora



Professora Danielle Pinto Coelho
Membra da Banca



Professora Elaine Pereira Andreatta
Membra da Banca

Manaus, 03 de dezembro de 2020.

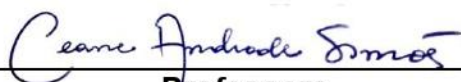


ATA DE AVALIAÇÃO FINAL DE MONOGRAFIA

1.4 O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do (a) aluno (a) CAIO CÉSAR CAMPOS GUIMARÃES intitulado:POSSIBILIDADES TRANSGRESSORAS NA LITERATURA INFANTIL, e apresentado à banca constituída por: Profa. CEANE ANDRADE SIMÕES (**Orientadora**),Profa. DANIELLE PINTO COELHO(**Avaliadora 1**), Profa. ELAINE PEREIRA ANDREATTA (**Avaliadora 2**), reunidos na salavirtual, via Google Meet *rdo-mfct-kib*, no dia 03 de dezembro de 2020, às17:00 horas, para avaliar o Trabalho em pauta, que, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regulamento de TCC desta Universidade, apresentou os seguintes resultados: na avaliação do **TRABALHO ESCRITO/TCC** a nota da Orientadora foi 6,0, a nota da Avaliadora 1 foi 6,0, a nota da Avaliadora 2 foi 6,0. **A Nota da Média da Banca Avaliadora, decorrente do trabalho escrito foi 6,0.** Na avaliação da **APRESENTAÇÃO ORAL/DEFESA DA MONOGRAFIA** a nota da Orientadora foi, 4,0, a nota da Avaliadora 1 foi 4,0, a nota da Avaliadora 2 foi 4,0. **A Nota da Média da Banca Avaliadora, decorrente da Apresentação Oral foi 4,0**
Assim, este processo apresentou os seguintes resultados:
Nota da média da Banca Avaliadora, decorrente do trabalho escrito: 6,0
Nota da média da Banca Avaliadora, decorrente da apresentação oral: 4,0
Resultando na NOTA FINAL: 10,0

Manaus, 03 de dezembro de 2020.

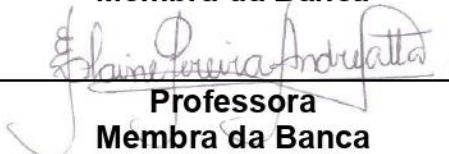
Assinatura da Comissão de Avaliação



Professora
Orientadora



Professora
Membra da Banca



Professora
Membra da Banca

AGRADECIMENTOS

Na angústia de limitar nas palavras os meus imensuráveis sentimentos, prefiro apenas dizer obrigado. Obrigado, mamãe, obrigado, papai, continuem acreditando em mim. Obrigado, Jean-claude Alphen, por mostrar que meus pais são super. Obrigado, Escola Normal Superior e professores, por me aguentarem por tanto tempo – deveríamos ter posto um fim em nossa relação há um ano, mas tudo bem. Obrigado, Mel (a bebê pinscher perfeita), pela companhia e proteção. Obrigado, Vini, por ser meu amigote mulekote babytote. Obrigado, crianças que passaram pela minha vida e muito me ensinaram (em 2016 e 2017 no Projeto de Leitura, em 2018 nos estágios em educação infantil e ensino fundamental e em 2019 na Área Lúdica). Obrigado, Maria, por ser meu amor todinho: minha vida só tem sentido porque você está nela.

“O Doutor sempre nos deixa fazer bagunça e barulho. Proibir uma criança de ser criança, ele diz, é como ordenar que seu coração pare de bater.”

(Iwona Chmielewska)

RESUMO

Tendo em vista que o cenário momentâneo do Brasil coloca a literatura (também a infantil) em tensão, por causa da guerra cultural incentivada por governantes de diferentes instâncias do poder, pesquisa-se sobre o universo do livro para crianças num contexto transgressor, a fim de debater a importância de temas “tabus” na literatura infantil, defendendo a capacidade de entendimento de mundo das crianças. Para tanto, num primeiro momento, esta monografia propõe-se a investigar referencial teórico sobre infância e literatura infantil, traçando seus panoramas históricos e realizando uma volta à infância do autor – esse resgate faz-se necessário para perceber-se numa infância leitora e compreender os motivos que o aproximam dos livros. A partir de então, num segundo momento, este trabalho visa definir “transgressão” na sociedade e em livros para criança, acreditando na potencialidade de textos provedores da inquietude em meio aos inúmeros significados do mundo. Num terceiro momento, objetiva-se identificar possíveis livros da literatura infantil que contemplam temas emergentes da sociedade, destacando assuntos como o protagonismo negro, os refugiados, a educação sexual, a identidade de gênero, o luto, o consumismo e o autoritarismo. Realiza-se, então, durante todo o percurso, uma pesquisa hermenêutica, de cunho interpretativo, onde essa interpretação relaciona-se diretamente com a visão de mundo construída através de experiências anteriores. Diante disso, verifica-se que, com o levantamento de títulos, diferentes “leituras transgressoras” nacionais e internacionais estão sendo publicadas. Além disso, a abertura a temas que geram mais questionamentos do que respostas prontas não só propiciam boas conversas, como também ressignificam a relação da criança leitora com o mundo, gerando empatia, o que impõe a constatação de que os livros da literatura infantil com caráter transgressor são necessários e atuais, muito por conta das transformações contemporâneas que exigem entendimento e comprometimento com as causas sociais.

Palavras-chave: Literatura infantil. Transgressão. Infâncias. Livro ilustrado. Hermenêutica.

ABSTRACT

Bearing in mind that Brazil's momentary scenario puts literature (also children's) in tension, because of the cultural war encouraged by rulers of different sections of power, the universe of children's books is researched in a transgressor context, in order to debate the importance of "taboo" themes in children's literature, defending children's ability to understand the world. For this purpose, at first, this monograph proposes to investigate theoretical framework on childhood and children's literature, tracing its historical panoramas and making a return to the author's childhood – this rescue is necessary to understand oneself in a reading childhood and understand the reasons that bring him close to books. From then on, in a second moment, this work aims to define "transgression" in society and in children's books, believing in the potential of texts that provide restlessness amid the countless meanings of the world. In a third moment, the objective is to identify possible children's literature books that contemplate themes emerging from society, highlighting subjects such as black protagonism, refugees, sex education, gender identity, mourning, consumerism and authoritarianism. Takes place then all the way, a hermeneutic research, of an interpretive nature, where this interpretation is directly related to the worldview built through previous experiences. In view of that, it appears that, with the survey of titles, different national and international "transgressive readings" are being published. In addition, openness to themes that generate more questions than ready-made answers not only provide good conversations, but also re-signify the reader's relationship with the world, generating empathy, which imposes the observation that children's literature with character transgressors are necessary and current, largely because of contemporary transformations that require understanding and commitment to social causes.

Key-words: Children's literature. Transgression. Childhoods. Illustrated book. Hermeneutics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Chico Juba, o inventor de xampus	45
Figura 2 – O carinho da avó	47
Figura 3 – Seu cabelo é ruim, mas você é boazinha	47
Figura 4 – Tui e a eternidade do poeta.....	48
Figura 5 – Eu me chamo Mersene!	49
Figura 6 – O povoado de Palanque	50
Figura 7 – Pipo e Fifi	52
Figura 8 – A verdadeira face de Pipoca	53
Figura 9 – A transformação.....	54
Figura 10 – Pode pegar!	55
Figura 11 – O super papai vai trabalhar (e a mamãe também).....	56
Figura 12 – Como consertar a dor no coração?.....	57
Figura 13 – O que acontece quando não estamos mais aqui?	58
Figura 14 – O passeio.....	60
Figura 15 – Esta é Hannah	60
Figura 16 – A pior senhora do mundo beliscando o filho mais velho	62
Figura 17 – Dois passarinhos	63
Figura 18 – Um dia, um rio	64
Figura 19 – Daqui ninguém passa!	66
Figura 20 – A rainha desfocada e... eu.....	67
Figura 21 – Se os tubarões fossem homens.....	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE ESTA PESQUISA: ESTRUTURA E METODOLOGIA	13
3 INFÂNCIA E REMINISCÊNCIA: DOS MOTIVOS INCERTOS QUE ME TRAZEM ATÉ AQUI.....	17
4 CRIANÇAS, INFÂNCIAS E LIVROS: A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS	24
5 NÃO HÁ INFÂNCIA SEM FICÇÃO.....	28
6 TRANSGRESSÃO, ESCOLA E LITERATURA INFANTIL	30
7 LULU SE TRANSFORMA NUMA FADA PRINCESA	36
8 DESEJAVAM SÓ DESCANSO NUM PAÍS CHEIO DE PAZ.....	39
9 A INDÚSTRIA BRASILEIRA DO LIVRO PARA CRIANÇAS	41
10 MAPEAMENTO DE TÍTULOS POTENCIALMENTE TRANSGRESSORES	45
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	72

1 INTRODUÇÃO

Em 04 de fevereiro de 2019, o maior clube de leitura do Brasil (*Leiturinha*) alegrou as mentes malucas do país ao publicar um edital que não permitia a inscrição de obras com “seres mágicos, como bruxas, fadas e duendes”. Mas as pessoas boas e sãs ainda são maioria: a revolta popular para a censura foi grande e barulhenta, o que fez com que o edital fosse revisto. Essa situação indica para dois pontos: primeiro, o caráter conservador de demarcar os limites da moralidade, além de ser extremamente chato (histórias com bruxas que saem voando por aí são o máximo!), influencia diretamente na divulgação e promoção de livros; segundo, as crianças continuam a ser subestimadas quanto à capacidade crítica e de entendimento de mundo que possuem.

Desse modo, essa vigília controladora incide no que as crianças estão lendo. Editoras, autores e ilustradores encontram empecilhos para criar e para vender (a ambiguidade dos textos e ilustrações sucumbe e as únicas interpretações de um livro se fortalecem); educadores sofrem pressão pelo que fazem na escola. Tento¹, portanto, apontar os bons caminhos da literatura: aquela aberta ao que há de mais humano em nossa história, aquela de múltiplas camadas de interpretação, aquela que está comprometida com os direitos humanos, a sexualidade, a política, o humor da vida em tom de crítica aos acontecimentos sociais... Os textos dos próximos capítulos são uma tentativa de mostrar que boas publicações existem e que os livros para criança são um bom local de resistência e de *transgressão*.

Nessa perspectiva, diante do enorme desafio de situar a literatura para crianças em meio às abruptas mudanças sociais contemporâneas, torna-se visível a necessidade de debater a importância de temas “tabus” na literatura infantil, defendendo a criança como um ser social (tão necessário que tornou-se objetivo geral da pesquisa), que possui o direito de relacionar-se com o mundo e dar significados a ele – e a literatura é um lugar acolhedor para isso, pois os livros costumam colocar quem os lê e os ouve num contexto ativo, onde a passividade não tem vez e a atividade do pensar e refletir surge. A temática mostra-se bastante pertinente.

Assim, estar inserido e atuante socialmente ainda na tenra idade através do conforto lúdico dos livros substancia os escritos dessa monografia, que tem em sua investigação o seguinte problema norteador: qual é o impacto dos temas emergentes e “tabus” da sociedade, aqui entendidos como transgressores, na literatura infantil?

¹ A primeira pessoa do singular ocorre em todo o texto. As múltiplas vozes aparecem quando recorro a autores para referenciar o que defendo, mas a crítica está pautada em minhas vivências enquanto sujeito histórico (o terceiro capítulo, por exemplo, é uma volta às minhas experiências e sensações infantis – ficou decidido, dessa maneira, harmonizar integralmente a monografia quanto ao uso do tempo verbal).

Buscando respostas, encontro ainda mais perguntas. Para o meu auxílio, traço três objetivos específicos: investigar referencial teórico sobre infância e literatura infantil; definir “transgressão” na sociedade em livros para criança; e identificar os possíveis livros da literatura infantil que contemplam temas emergentes da sociedade. Utilizo o próximo capítulo como um guia da monografia, onde explico o motivo de cada objetivo e apresento a estrutura e os procedimentos dos escritos.

Estética artística (propriamente literária) e estímulo à reflexão dos contextos socioculturais e humanos. É no encontro dessas duas características que defendo a literatura infantil contemporânea, para que as crianças de hoje, plenas em suas especificidades e participantes ativas do mundo, sejam agentes da empatia do amanhã.

2 O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE ESTA PESQUISA: ESTRUTURA E METODOLOGIA

Antes de tudo, o que é uma pesquisa? Marconi e Lakatos (2010, p. 139) apresentam a seguinte definição: “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Se há um caminho, há um andamento, há uma proposta, há objetivos, há métodos essencialmente alocados nos princípios das ciências. Em busca de debater através da literatura infantil temas “tabus”, contemporâneos, emergentes, eis, a seguir, os caminhos escolhidos.

Enquanto planejava a pesquisa, percebi que não somente o tema “literatura infantil” seria o carro-chefe do texto: o estudo das infâncias também seria o combustível propulsor para adentrar no universo literário. Como numa receita de pão caseiro, estou certo de que o meu fermento foi buscar minha própria infância: acessar minhas memórias, fazer do real e do irreal uma unidade só, encontrar respostas para a pergunta “eu era um leitor?”... Os capítulos três, quatro e cinco são dedicados a essas infâncias (a minha e as outras) e ao livro para crianças. Ficou decidido: eu deveria investigar referencial teórico sobre esses dois objetos de estudo – e esse, portanto, tornou-se um de meus objetivos. Assim, pude fazer a sondagem dos fenômenos infância e literatura, amparado principalmente nas leituras de Andruetto (2012) e Hunt (2010). Britto (2015), Paulo Freire (2017), Bajour (2012), Ariès (1981, 1986), Petit (2010) e outros autores também foram consultados e fortaleceram o que se segue.

No capítulo três, intitulado *Infância e reminiscência: dos motivos incertos que me trazem até aqui*, resgato momentos que vivi quando criança e os misturo com lembranças incertas, memórias inventadas – como em Manoel de Barros (2018). Num retorno ao passado vivo, me alieno em percepções de minha própria infância para compreender o que sou enquanto pesquisador de literatura. Nessa busca, demoro a encontrar livros: a escola, a minha escola, já nos anos finais do ensino fundamental, é quem oportuniza o contato dos textos literários comigo. Daí em diante, agora dono de meu próprio destino, faço escolhas que me aproximam ainda mais do universo dos livros para criança: um programa de bolsas que me levou a um projeto de leitura, um emprego que me permitiu ler uma imensidão de títulos... Os motivos da monografia aparecem nessa construção.

No capítulo quatro, de nome *Crianças, infâncias e livros: a História das histórias*, sou transportado à época de Sócrates e Platão para confirmar o entendimento dos filósofos de que as crianças deveriam ser modeladas para a proteção futura da pólis; vou à idade medieval para

constatar que nos modos de vida das crianças inexisteriam especificidades comuns à idade pueril – aos olhos adultocêntricos, as crianças eram miniaturas de um adulto; destaco que as influências moralizadoras da igreja medieval reverberam até hoje no pensamento ocidental; e apresento Perrault e os irmãos Grimm, gigantes da *História das histórias* por realizarem as primeiras transposições da oralidade dos contos para o texto escrito. É o capítulo das transformações das infâncias e dos livros.

No capítulo cinco, chamado de *Não há infância sem ficção*, defendo a capacidade de criar como necessidade humana, e que deve ser estimulada desde cedo, a todo o momento. A ficção, o irreal, o simbólico... As maneiras de representar a realidade existem aos montes – e a literatura é um caminho confiável para explorar tais tópicos.

O título desta monografia carrega a palavra “transgressão”... O que é isso? E o que tem a ver com literatura infantil? Buscando discutir tais relações, pensei em outro objetivo: definir “transgressão” na sociedade e em livros para crianças. As respostas e reflexões encontradas estão nos capítulos seis, sete e oito. No sexto, intitulado *Transgressão, escola e literatura infantil*, aproximo os três conceitos e defendo a escola como local propício para a transgressão – é o local de contestar o “sistema” estando e sendo o “sistema”. É um capítulo importantíssimo para o bom entendimento das ideias que defendo nesta monografia, onde interpreto a transgressão de Bell Hooks (2013), dialogo com Garcia e Moreira (2012) – pensadores do currículo escolar brasileiro – e concluo que os livros da literatura infantil com caráter transgressor são necessários e atuais, muito por conta das transformações contemporâneas que exigem entendimento e comprometimento com as causas sociais.

No sétimo e no oitavo, respectivamente *Lulu se transforma numa fada princesa* e *Desejavam só descanso num país cheio de paz*, dou exemplos de textos para crianças que transgridem, seja através do protagonismo negro ou pelo contexto dos imigrantes e refugiados. São capítulos de apoio ao sexto, complementares a ele.

Foi necessário identificar livros da literatura infantil que contemplam temas emergentes da sociedade – eis o terceiro objetivo da pesquisa. Para isso, dediquei ao capítulo nove uma breve discussão sobre as editoras brasileiras e ao décimo capítulo um mapeamento de livros entendidos como transgressores. *A indústria brasileira do livro para crianças*, o nono capítulo, indica para a importância das pequenas editoras para a publicação de livros socialmente engajados com lutas contemporâneas – movimentos de transgressão são percebidos em suas linhas editoriais, onde a escolha das quatro editoras apresentadas segue esse critério. Destaco também que a centralização do mercado editorial brasileiro

(concentrados nas regiões sul e sudeste) é um desafio para a divulgação e abertura ampla a títulos potentes.

O capítulo de número dez, *Mapeamento de títulos potencialmente transgressores*, trata-se de uma seleção carregada de pessoalidade e subjetividade. Recorro ao meu contato com os livros e limito minhas escolhas apenas aos lidos, removendo, portanto, sínteses de outros leitores ou editoras facilmente encontradas na internet. É a minha experiência, a minha interpretação. São 21 obras selecionadas, e o levantamento delas surge da identificação de temas, como o protagonismo negro, educação sexual, identidade de gênero, quebra de papéis sociais, momentos de saudade, perda e luto, consumismo, exploração de bens naturais e autoritarismo. Em comum, além de transgressores (considerados assim por mim), são também fonte de bons momentos que só a boa leitura promove.

Não indico idade ideal para a leitura dos livros selecionados, pois creio que diferentes níveis de leitura podem ser encontrados em uma mesma faixa etária – por exemplo, há crianças com sete anos que vão se identificar com textos mais densos e outras, com os mesmos sete anos, apenas com textos mais leves. Cada caso é um caso, cada criança é uma criança e tudo depende da experiência leitora de cada uma.

É por esse caráter interpretativo na busca da compreensão de um fenômeno social contemporâneo que escolho para esta pesquisa o método hermenêutico, repousando em Hans-Georg Gadamer (1900-2002). A hermenêutica é um diálogo inacabável, em que o ato de compreender é condição de existência.

A compreensão somente alcança sua verdadeira possibilidade, quando as opiniões prévias, com as quais ela inicia, não são arbitrarias. Por isso faz sentido que o intérprete não se dirija aos textos diretamente, a partir da opinião prévia que lhe subjaz, mas que examine tais opiniões quanto à sua legitimação, isto é, quanto à sua origem e validade. (GADAMER, 1998, p. 403)

Segundo Gadamer (1998), aquele que quer compreender não pode se prender à casualidade de suas próprias opiniões prévias e ignorar a opinião do texto e, portanto, o sentido deste. A consciência hermenêutica tem que se mostrar aberta, desde o início da pesquisa, para as particularidades do objeto, pois “reconfigura a interdependência linguística, que reconhece a voz do outro e implica reconstrução aberta à interpretação contextualizada” (SIDI; CONTE, 2017, p. 1943). Daí, novos sentidos surgem para o resgate dos estudos. Neste sentido, a hermenêutica

pode ser compreendida como a maneira pela qual interpretamos algo no movimento que interessa e constitui o ser humano, de formar-se e educar-se. A interpretação decorre de um texto, um gesto, uma atitude, uma palavra de abertura e relação com o outro, que é capaz de se comunicar, de interagir. A hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências. Implica também na forma como realizamos o movimento para nos (re)conhecer a partir das experiências no mundo, ou seja, na medida em que interpretamos algo, relacionamos diretamente com a visão de mundo que temos, advindas de nossas experiências anteriores. (SIDI; CONTE, 2017, p. 1945)

Como numa oposição ao positivismo, múltiplas realidades podem existir se múltiplas interpretações – e compreensões – existem. Há, portanto, num estudo hermenêutico, um caminho especulativo, que apresenta “traços importantes que são projetados até na própria elaboração do texto. Isso significa que muitas vezes os textos das Ciências Humanas são muito mais ensaios do que propriamente teses” (GHEDIN, 2004, p. 13) – os capítulos que se seguem comprovam isso. Sendo hermenêutica e interpretando o contexto da literatura infantil, a pesquisa também é qualitativa; nela, “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Esta pesquisa foi realizada com procedimentos bibliográficos, que são “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 25), sendo encontrados em referências teóricas publicadas em livros, teses e artigos, e buscam “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas” construídas (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 60).

Os textos pesquisados são grandes fontes do trabalho. É através das contribuições de outros autores que o diálogo acerca de um tema é fortalecido, já que pesquisas não são feitas só por um pesquisador, mas considerando um conjunto de produções científicas já realizadas. Ressalta Gil (2008, p. 50) que “há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” e que uma pesquisa bibliográfica permite cobrir “uma gama de fenômenos” muito maior quando em comparação com o que temos disponível em termos concretos para pesquisar (não custa lembrar que esta pesquisa ocorreu durante uma pandemia!).

3 INFÂNCIA E REMINISCÊNCIA: DOS MOTIVOS INCERTOS QUE ME TRAZEM ATÉ AQUI

Incertezas: na tentativa de situar-me em meu campo de investigação, encontro mais desencontros do que respostas. De onde surgiram minhas inquietações e interesse acerca da literatura infantil? Uma pesquisa não surge sem uma história por trás. Uma pesquisa não chega ao acaso: é uma consequência das nossas escolhas, informações obtidas, conhecimentos prévios, vivências... Para mim, é crucial acessar os fragmentos da minha infância.

Recordo: o pênalti foi inventado. O goleiro nem pulou para tentar pegar a bola. Parecia até que o futebol era uma peça de teatro. Meu aniversário, comemorado num campo de futebol, talvez nem tenha existido. Em outro dia, em outro aniversário, ganhei fichas para jogar em máquinas de fliperama – um dos melhores presentes que já recebi. Passei horas ininterruptas jogando, sem me preocupar com absolutamente nada. Nas férias de final de ano, ficava na casa da minha tia. Lá, mudava um pouco meus horários diários: acordava mais cedo por não me sentir bem dormindo fora de casa e dormia mais tarde por conta da oração noturna e da TV ligada. Um dos principais atrativos daquela casa era, com certeza, o vídeo game da minha prima (um clássico Nintendo). Além dos jogos, recordo dos animais que lá moravam: cachorros, gato, papagaio e hamster.

Um flash de memória não me escapa: eu jogava bolinha de gude num quintal alheio perto da minha casa – uma garrafa com várias bolinhas sustenta essa lembrança. Outro objeto palpável que guarda resquícios de uma infância é um papel A4 que contém um desenho: eu e mamãe, com uma frase clichê de Dia das Mães. Assim como Manoel de Barros (2018) relata suas memórias inventadas, descrevo lembranças incertas, que parecem não ter ocorrido: eu já fui vascaíno? Uma foto minha indica isso. Eu abria um pote de remédios e os comia como bombons? Será mesmo que eu plantei feijão no algodão? Das incertezas da memória, uma é destaque: *eu era um leitor?*

Primeiro, para essa pergunta, há de se caracterizar o leitor. Se o limitar a “alguém que está sempre com um livro à mão, qualquer que seja (ou quase), elucubrando sobre a vida e o mundo, vagando por mares nunca dantes navegados” (BRITTO, 2015, p. 65), estou indicando que todo leitor é genérico, pois, desse modo, somente aqueles que dispõem de livros e os utilizam são leitores – de fato, um grande equívoco. Ir ao Google e pesquisar imagens da palavra “leitor” é uma experiência que exemplifica a limitação acima apresentada – um homem sorridente com um livro na mão dentro de uma biblioteca, uma criança perplexa

cercada de livros flutuantes... Ainda seguindo os estudos de Britto, para o conceito de leitor, encontra-se a mitificação da leitura:

O leitor mítico seria aquele que se enleva com os objetos da cultura, perdendo-se em reminiscências, experimentando a doce solidão aconchegante do ambiente literário. Leitor inexistente, imagem puramente projetada por espectros ideológicos, bons apenas para a conformação ao banal com verniz de filósofo. (2015, p. 66)

Segundo: neste momento, estendo o significado de leitor para o âmbito da inserção social: aquele que utiliza a leitura (verbal e não verbal) para relacionar-se com o meio e fazer dessa interação possibilidade de conhecimento, que pode ser traçado desde o senso comum até o científico, passando pela fé e pela filosofia. Portanto, quando criança, por essa conceituação, eu era um leitor. Leitor de mundo, de contextos, não necessariamente de livros. E falar de leitura de mundo é falar de Paulo Freire: é impossível fugir dos ensinamentos desse eterno velhinho, apesar da gigantesca missão de uma parcela barulhenta da sociedade de depreciá-lo. Segundo Freire (2017, p. 18) a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Freire talvez nem fazia ideia da dimensão que essa primeira sentença tomaria. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Virou mantra de diversos educadores. Ainda em *A importância do ato de ler* (2017), há o reforço da passagem anterior com o seguinte trecho, que auxilia na expansão do significado de leitor:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2017, p. 27-28)

Sim, eu já era um leitor (aproveito o ensejo para afirmar que a leitura de mundo, por si só, para a integralidade das ações de ensino-aprendizagem, é insuficiente, devendo, portanto, ser o ponto de partida para a apreensão do mundo abstrato e, por conta disso, não deve ser rejeitada ou manipulada como inferior em comparação à leitura pragmática do saber).

Vasculhando minhas lembranças incertas, encontro alguns momentos de ganho de capital cultural², mas nenhum deles, aparentemente, surgiu da leitura de livros da literatura infantil. Meu contato com histórias fantásticas seguiu inexistente até os onze anos de idade, quando adentrei num projeto escolar chamado “Contextualizando a notícia no dia a dia da escola”, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. O objetivo era produzir uma espécie de jornal estudantil e, para alcançar isso, os estudantes participantes deveriam realizar diariamente leituras diversas, visando aprimorar a escrita. Foi muito importante para mim: conheci os clássicos da literatura brasileira, como Dom Quixote, li gibis da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa... Eu segurando um livro vermelho (não o de Mao Tsé-Tung, diga-se), folheando e lendo, outras crianças sentadas próximas a mim, todas lendo livros: é curioso ter essas imagens guardadas em minha mente, porque foi ali o início dessa monografia. A construção vem de longa data.

Nesse contexto, vale destacar a importância da escola para a mediação da criança com a literatura infantil (ampliando o espectro positivo da escola para o desenvolvimento da criança, temos que, usualmente, a escola não só realiza a mediação, mas antes mesmo apresenta e dá aos indivíduos o primeiro contato com os livros). As crianças pertencentes às classes populares “têm a oportunidade de iniciar sua relação com experiências culturais graças às possibilidades geradas pela escola” (BAJOUR, 2012, p. 85).

Minha realidade é convergente à vivência de muitas crianças: minha família não era (e continua não sendo) provedora da literatura. Sabe-se também que, quando o engajamento familiar para com os momentos de partilha de conhecimento é baixo, sejam eles dispostos em livros, museus ou qualquer fonte de cultura, torna-se mais difícil o desenvolvimento da criança com insumos vindos apenas por parte da escola; a família, em regra, é condição basilar para o sucesso ou insucesso de nossas crianças – espera-se que, apesar de todas as dificuldades, a sala de aula faça parte das exceções: que o progresso das crianças aconteça mesmo sem assistência dos responsáveis.

Salto cronológico: estou em 2015 e entro numa universidade! Motivado, visito sites que fazem vendas de livros variados. Os compro? Não, mas os guardo numa listinha de favoritos. Alguns meses depois, a mudança de patamar: começo a fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, que tem como objetivo aproximar o

² Capital cultural é um conceito apresentado por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em *Les héritiers, les étudiants et la culture*, de 1964. Há a associação de “capital” e “cultura” pois trata-se de “uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais” (SILVA, 1995, p. 24). Numa versão simplista do termo – e bem mais harmônica com este texto –, capital cultural trata-se das qualificações intelectuais advindas da família e da educação escolar.

professor em formação com o cotidiano das escolas públicas, elevando o nível profissional dos discentes, por antecipar o contato com a educação estruturada, articulando teoria e prática desde os semestres iniciais da graduação. E mais: o programa concede bolsas aos participantes – não tão expressivas em valor, mas extremamente válidas e bem-vindas (gratidão eterna às políticas públicas que de fato contribuem para uma formação mais qualificada dos alunos!). A listinha de livros favoritos volta a ser visitada (no débito, por favor). Meu interesse pelos livros se expande com o “Projeto de Leitura” da escola participante do PIBID. Em mim, surge a crença da relação harmônica livro-vida, onde um ilumina o outro.

Aí o primeiro motivo explícito para a escolha do tema proposto: a minha paixão – ou curiosidade? – pela literatura infantil. O segundo motivo preponderante para a escolha deste tema é a ausência de atividades voltadas à promoção da leitura no Ensino Fundamental I e na Educação Infantil. O primeiro motivo vem sendo a florado dia após dia e, por conta disso, seria difícil fazer algo que fugisse da exploração de histórias para crianças. A segunda causa surgiu a partir de observações realizadas nos estágios supervisionados.

Fora percebido, durante os dias de estágio, que a leitura, a audição de narrativas históricas e a exploração do imaginário infantil a partir de textos não estavam sendo cultivados com frequência nas salas observadas. As crianças não eram incentivadas a manusear diferentes obras e, conseqüentemente, a entender que o livro, aparentemente um amontoado de papel, antes desconexo, tinha o poder de ser o combustível para momentos significativos de prazer e descobertas. Já é consenso entre os educadores: no ambiente escolar, a leitura, assim como a narração, deveria ser rotina, antes mesmo da decodificação convencional das palavras (e muito antes!). Nas salas observadas, não havia um espaço para que as crianças pudessem estar em contato direto com os livros. Não havia exemplares acessíveis para a aproximação da criança e do mundo da linguagem estética, componente da arte. Não havia um momento específico para a hora da história ou o dia da história. É visível, portanto, certo absentismo quanto às práticas significativas voltadas ao estímulo e promoção do gosto por livros físicos. Andamos, andamos, andamos e voltamos para o mesmo lugar: as práticas de anos atrás do meu Ensino Fundamental I continuam vivas³.

³ Constatar as deficiências da escola é a parte mais fácil do processo, e consegui fazer isso durante as observações supervisionadas de estágio. Mas a crise educacional brasileira tem raízes e nuances muito mais profundas do que os relatos descritos. Um exemplo: em direção contrária aos diversos estudos sobre construção da linguagem e consciência fonética, o atual Ministério da Educação, na época a mando de Abraham Weintraub, desrespeita os direitos da primeira infância ao aprovar a introdução de livros didáticos para a Educação Infantil, através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD de 2022. Nas palavras do ex-ministro, em publicação numa rede social em maio de 2020, “Crianças da pré-escola terão contato com as palavras, a

A literatura infantil, ancorada no poder da palavra, amplia as possibilidades de participação nas práticas sociais existentes e as interações entre os seres humanos (criança-criança, criança-adulto e adulto-adulto) – por conta disso, relaciona-se com as competências linguísticas. É, para Coelho (2001, p.17), “um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural”. Na Educação Infantil, por exemplo, quando são promovidas ações significativas de aprendizagem da língua a partir da literatura, ampliam-se as capacidades expressivas das crianças contempladas e as diferentes maneiras de uso em contextos de interpretação e representação da realidade. Entretanto, devemos entender a literatura para crianças como arte que existe não para cumprir uma função, nem para ser fonte de didatismo para a escola ou para a família. Ela existe porque existe.

Em 2019, passei alguns meses em uma livraria da cidade (assalariado, diga-se!). Somente livros para crianças eram – e ainda são – comercializados por lá. Creio que li todas as obras disponíveis... Expandi minha paixão. Conheci novos autores, ilustradores e editoras... Expandi minha curiosidade. Uma enormidade de títulos, uma variedade incrível de temas. Identifico-me com a argentina María Teresa Andruetto, que sustenta a ideia romântica, mas factível, de que certos livros são eternos notáveis nas almas dos leitores:

Ocorre com alguns livros: abrem em nós uma fenda que não nos permite esquecerlos. Não se trata exatamente dos melhores livros, mas daqueles que nos dispararam uma flecha que, como o amor, como o amado, não atinge todos igualmente. (ANDRUETTO, 2012, p. 35)

Durante a construção de um texto sobre literatura infantil, surgiu uma inquietação: “por quais motivos só agora que estou tendo o prazer de ler livros dedicados ao público infantil que abordam temas delicados, que discutem aspectos da condição existencial humana com tanta profundidade?”. *Olivia tem dois papais, Diário de Blumka, Dois passarinhos, Um dia, um rio, Roupa de brincar, Mari e as coisas da vida...* Homoafetividade, guerra, consumo desenfreado, desastre ambiental, doenças, morte... Era de meu interesse saber os motivos que levam as escolas a explorarem superficialmente livros de circulação social que contemplam assuntos complexos.

Aparentemente, ainda continuamos a subestimar a capacidade de entendimento de mundo das crianças: nossos *anjinhos, seres imaculados*, não possuem maturidade para

partir de 2022. Isso faz parte de uma grande mudança no ensino!”. É urgente alertar para o desmonte da educação pública no país. Ações macro no contexto político afetam diretamente os contextos micro de acesso à literatura infantil.

compreender o luto da *tia Lúcia*, em *Roupa de brincar* (2015)⁴. As influências da Igreja ainda estão enraizadas e continuam a moldar parte da sociedade. Passam-se os séculos, permanecem os antiquados pensamentos. José Saramago, em *A Maior Flor do Mundo* (2001), utiliza da ironia para dar início ao texto: “As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas” (2001, não paginado). Não devemos nunca duvidar da capacidade crítica das crianças, e Saramago sabe bem disso.

Compreendendo a criança como um ser social, considero crucial possibilitar novas maneiras de enxergar o mundo e relacionar-se com ele, e a Literatura Infantil é um ponto de partida interessante, lúdico e acolhedor para isso. A leitura nunca é passiva: os livros tratam da nossa realidade e pedem posicionamento daquele que com eles interage. Em comparação aos adultos, a criança é mais aberta “ao pensamento radical e aos modos de entender os textos”, além de ser mais flexível nas percepções do conteúdo da obra (HUNT, 2010, p. 92). As descobertas, as reflexões, os encontros e desencontros que surgem durante e após uma leitura são, em sala de aula, mais que boas ações pedagógicas – são movimentos de inserção na contemporaneidade.

Uma palavra despontou em minha mente: transgressão. O que seria transgressão? A escola é transgressora? A escola deveria ser transgressora? Os livros para crianças podem ser transgressores? Transgredir é algo bom ou ruim? Transgredir é ir além do que já está posto. Ao pensar em uma literatura infantil que transgride, portanto, penso nos novos caminhos que surgem com textos e ilustrações para crianças pautados no respeito à diversidade, às culturas, aos momentos de dor e perda, às causas sociais... Penso também que se trata de uma afirmação: as crianças possuem o direito de participar da sociedade ativamente – e nada melhor do que usar a imaginação para adentrar nesse contexto.

Tendo como perspectiva que tanto o estímulo à aprendizagem como a humanização podem ser explorados a partir do uso da literatura infantil, defendo que a relevância social desta pesquisa perpassa pelo oferecimento de compreensão da importância da pluralidade de leituras e contatos com livros para crianças e pelo debate das ações do professor formador de leitores em ambiente educacional. Também é da pesquisa ser fonte de informações para a comunidade acadêmica, principalmente para os estudantes que pretendem aliar à prática docente os fazeres artísticos e ao mesmo tempo teóricos que a literatura infantil

⁴ ROCHA, Eliandro. **Roupa de Brincar**. Ilustrações de Elma. São Paulo: Pulo do Gato, 2015. Tia Lúcia sempre está vestida com roupas coloridas e bem variadas, que fazem parte da personalidade alegre dela. Num dia, as roupas diferentes já não estão mais no guarda-roupas e a tia está triste e veste preto. Um livro que não aborda abertamente a morte, mas o luto, o vazio (do móvel e da alma).

essencialmente carrega. No âmbito profissional, o projeto será de grande valia, pois está diretamente ligado à esfera educacional. As experiências já vividas no processo de ensino-aprendizagem serão aprimoradas após os estudos aqui pretendidos e, portanto, estarei mais preparado para a atuação profissional no lugar que tanto desperta meu interesse: a escola.

Da infância até aqui, dos momentos vividos aos invencionismos de uma imaginação fantástica... Reitero: a construção vem de longa data.

4 CRIANÇAS, INFÂNCIAS E LIVROS: A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS

A literatura infantil, bem como a infância propriamente dita, é produto histórico, resultado da construção social. Comparada à existência humana, é História recente. Buscando compreendê-la, devemos (eu e você, leitor) estar a par da História da infância (ou melhor: das infâncias), entendendo que a “Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é em função das transformações sociais” (KULHMANN, 2010, p. 16). Iniciaremos, então, uma breve viagem histórica, destacando principalmente as modificações acerca do ser criança e as visões adultocêntricas das sociedades ao longo do tempo.

Estamos na Idade Antiga, mais precisamente no lado ocidental da História... Grécia e Roma, grandes potências da época, apresentavam altas taxas de mortalidade das crianças. Concomitante a isso, as duas civilizações entendiam que “a educação da criança era exclusividade de sua família e o aprendizado era feito por meio da observação do comportamento dos adultos” (MAGALHÃES, 2010, p. 98). Era o início das civilizações como as conhecemos atualmente, então ainda inexistia qualquer ideia de escola formal (COELHO, 2003, p. 41). A criança sempre esteve presente, apesar de silenciada por muito tempo. É que “não existia este objeto discursivo a que hoje chamamos infância, nem esta figura social e cultural chamada ‘criança’” (CORAZZA, 2002, p. 81).

Walter Omar Kohan, em *Lugares da infância: filosofia* (2004), sustenta a ideia de que Platão inicia as discussões sobre a infância. No segundo livro de *A República* (376 a. C.), há uma nítida preocupação com a educação como arma para tornar possível a justiça na *pólis*⁵. A obra trata da educação dos guardiões das antigas cidades gregas e busca compreender a origem da justiça e da injustiça para, então, pensar numa *pólis* melhor. Tal discussão vem do pensamento de que a educação tem essencialmente o necessário para dar virtudes aos sujeitos. A tarefa educacional deve começar cedo. Num dos diálogos socráticos escritos por Platão, temos a preocupação do filósofo com os não-adultos:

Sócrates – Ora, tu sabes que, em qualquer empreendimento, o mais trabalhoso é o começo, sobretudo para quem for novo ou tenro? Porque é, sobretudo, nessa altura que se é moldado e se constrói a base de uma pessoa?

Adimanto – Absolutamente.

[...]

Logo, devemos vigiar os autores de fábulas e selecionar as que forem boas, proscrevendo as más. Às, que, forem escolhidas, persuadiremos a mães e amas a contá-las, e assim moldar as almas por meio de fábulas, com muito mais cuidado

⁵ Modelo das antigas cidades gregas.

que os corpos com as mãos. Das que agora se contam, deve-se rejeitar a maioria. (PLATÃO, 2012, não paginado, grifo do autor)

Adiante, mais uma passagem que exemplifica o entendimento adulto sobre a criança na era de Sócrates e Platão: “talvez, devemos procurar, acima de tudo, que as primeiras histórias sejam compostas com a maior nobreza possível, orientadas ao sentido da virtude” (PLATÃO, 2012, não paginado). Nos devaneios de Sócrates, a criança deveria ser modelada para proteger a cidade, tornando-se justa posteriormente. Pensa-se apenas no que ela poderá ser, e não no que ela é.

Salto cronológico: estamos agora na Idade Média... As condições higiênicas eram precárias (não que antes houvesse apelo higiênico por parte das civilizações, diga-se), vide o surgimento de pragas como a peste negra. Magalhães (2010, p. 98) informa que, de acordo com os estudos de Philippe Ariès, “as crianças do período medieval viviam entre os adultos como iguais” e abruptamente deveriam aprender uma profissão. Evidenciando o poderio econômico de algumas famílias, as crianças da nobreza “tinham seus educadores e eram vistas como miniaturas dos adultos e deveriam ser educadas para o futuro de transição para a vida adulta” (ANDRADE, 2010, p. 49).

Os adultos em miniatura participavam das convenções socioculturais da época igualmente aos verdadeiros adultos. Sem censuras, sem distinções. O folclore das bruxas na era medieval marcou noites de várias famílias: histórias contadas por andarilhos começavam a atingir toda a Europa Ocidental. Aos olhos adultocêntricos, o adulto em miniatura não tinha muito valor.

um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. (ARIÈS, 1986, p. 10)

A igreja medieval tornou-se protagonista durante o feudalismo. A influência cultural por ela causada atingiu todos os níveis sociais da época. Às crianças, principalmente o catecismo – mas também os ensinamentos da moralidade, “habilidades da leitura, escrita e aritmética. Surgem os primeiros livros de caráter pedagógico com função moralizadora” (ARIÈS, 1981, p. 68). Função moralizadora. Como destaquei anteriormente, as influências da Igreja ainda estão enraizadas em grande parte do pensamento conservador ocidental.

Salto cronológico. Agora, apresento Charles Perrault e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que marcaram a história da literatura infantil ao realizarem a transcrição de diversos contos populares. Os contos de fadas eternizam-se também nos papéis.

Estamos na França, mais precisamente em 1697... Charles Perrault atende às novas exigências da burguesia – que, pautada pela Igreja, clama por uma educação moralizante – e adapta contos orais da Europa Ocidental, publicando os *Contes de ma mère l’Oye* (no Brasil, *Contos de Mamãe Gansa*). *Chapeuzinho Vermelho*, que vence questões temporais e eterniza-se no imaginário infantil, é um dos nove contos presentes na obra. *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *Cinderela* e *O Pequeno Polegar* também são publicados.

no fim do século XVII, Perrault, mestre do gênero, realmente recolheu seu material da tradição oral do povo (sua principal fonte, provavelmente, era a babá de seu filho). Mas ele retocou tudo, para atender ao gosto dos sofisticados frequentadores dos salões, *précieuses* e cortesãos aos quais ele endereçou a primeira versão publicada de Mamãe Ganso (DARNTON, 1988, p. 24, grifo do autor)

Preocupações com a família surgem nessa época. O avanço da burguesia nos espaços sociais traz como consequência os primeiros traços de uma educação pensada *na* criança – mas, nunca, *com* e *pela* criança.

Salto cronológico: agora estamos na Alemanha, nos primeiros anos do século XIX... Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm pesquisam a cultura alemã e escrevem, de 1812 a 1815, a primeira versão dos *Contos maravilhosos infantis e domésticos*, originalmente intitulado *Kinder-und Hausmärchen*. *Märchen* é a designação de gênero que atribuíram à coletânea dos Grimm, e é uma “forma diminutiva derivada da palavra *maere*, que no médio-alto-alemão [...] significava “notícia”, “mensagem” ou “relato” associado a um acontecimento notável” (MAZZARI, 2012, p. 12, grifo do autor). Nas traduções, temos:

fairy tales (inglês), *contes de fées* (francês), *cuento de hadas* (espanhol), *fiaba popolare* (italiano) – ou [...] *sprookje* (holandês), *eventyr* (dinamarquês), *skazka* (russo). Em português temos “contos de fada”, “contos da carochinha” ou ainda “contos maravilhosos”, sendo que esta última possibilidade talvez seja a mais apropriada, pois se as histórias designadas por *Märchen* poucas vezes apresentam fadas ou carochas, não podem prescindir jamais da dimensão do “maravilhoso”. (MAZZARI, 2012, p. 12, grifos do autor)

Os contos maravilhosos, nas edições seguintes do livro, seguiram os mesmos caminhos dos contos de fadas de Perrault: adaptações e mais adaptações.

na edição de 1812, que subjaz a esta tradução, Rapunzel diz num belo dia à fada: “Sabe, senhora Gothel, as minhas roupas estão tão apertadas que não estão querendo

servir mais em mim”. Isso acontece após ter recebido secretamente inúmeras visitas do príncipe, alçado à torre pelas longas tranças da moça. Mas na edição de 1819, Wilhelm Grimm substitui esse nítido indício de gravidez (Rapunzel irá conceber um casal de gêmeos) por uma tênue alusão: “Sabe, senhora Gothel, vai ficando cada vez mais difícil para mim puxar a senhora aqui para cima do que alçar o jovem príncipe”. E a continuação é a mesma em ambas as versões (MAZZARI, 2012, p. 19)

Persiste a preocupação com a criança, num movimento de pensar a infância – com o que pode e o que não pode ser absorvido pelos não adultos. Com a revolução industrial, questões sociais começaram a ser debatidas com mais veemência também entre as classes populares: como resultado, surgiram livros para crianças que seguiam a mesma ideia que vigorava nas sociedades europeias. É notável, afinal, que as concepções acerca das crianças, assim como as atividades culturais que chegam a elas, são pautadas a partir do contexto em que a sociedade em questão está inserida.

Portanto, os contos de fadas (ou os contos maravilhosos) deram início aos livros para crianças. A ludicidade ganhou importância central, tanto para *educar moldando* quanto para *educar educando* – o primeiro pensa num ideal de criança e projeta nela vontades adultocêntricas; o segundo pensa em possíveis infâncias e, mesmo com muitas adversidades, segue em curso, entre conflitos e resistências.

5 NÃO HÁ INFÂNCIA SEM FICÇÃO

“A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção” (CORSO e CORSO, 2007, p. 21). Ao transformamos a colher em avião que pousa na boca da criança, damos a ela não só a comida, mas também o reconhecimento do desejo de fantasiar e a celebração cultural entre relação e ficção (PETIT, 2010, p. 56). Não há infância sem ficção. A infância está essencialmente ligada à imaginação, à capacidade criativa. Daí um trunfo da literatura infantil como direito da criança: é ela um dos fatores que fortalecem a imaginação. Em outras palavras (decerto bem românticas), literatura infantil é infância.

Estimular o imaginário da criança através de textos da literatura infantil dá a ela a possibilidade de vivenciar o irreal, o fictício, o distante (utilizando-se de experiências reais e próximas – exercício semelhante ao faz-de-conta). “Os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções” (BAJOUR, 2012, p. 26). Segundo Michèle Petit:

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fiquem incrustados em zonas mortas do nosso ser. De outra forma, não temos condições de fazê-lo. (2010, p. 115)

Vivenciar experiências em nível simbólico é necessidade humana. Do mesmo modo, a Literatura Infantil é uma das formas de enriquecimento dessas vivências, por conta da função artística que carrega. Ela, essencialmente, é arte. É cultura humana, esteja ela distante ou próxima do leitor/ouvinte. Não conseguiria ser tão preciso quanto Andruetto, que expressa perfeitamente o que tento defender neste capítulo:

Todos nós, homens e mulheres, vamos ao dicionário para saber sobre as palavras, aos livros de ciência para saber de ciência, aos jornais e às revistas para ler as notícias da atualidade e aos cartazes de cinema para saber os filmes que estão passando. Mas para onde vamos quando queremos saber sobre nós mesmos? Nós, os leitores, vamos à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano. É por essa razão, creio eu, que a narrativa de ficção continua existindo como produto da cultura, porque vem para nos dizer sobre nós de um modo que as ciências ou as estatísticas ainda não podem fazer. Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco

o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios. (2012, p. 53-54)

Adiciono, então, mais um autor para fortalecer esta ideia. A relação entre imaginação e capacidade criativa é assim entendida por Lev Vigotsky, um dos grandes teóricos da psicologia relacionada às interações sociais:

a imaginação, como base de toda atividade criativa, manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Nesse sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseado na imaginação (2003, p. 10, minha tradução)⁶.

Esse texto de Vigotski serve para corroborar que a atividade criativa e as produções culturais são produtos da imaginação. Ele também fortalece o seguinte pensamento: ao considerar que a Literatura Infantil estimula a imaginação da criança – e isso é impossível negar –, concludo, por lógica, que ela não somente é produto histórico, mas também produtora de história humana. Não é somente resultado da construção social; também é quem produz os conceitos socioculturais que estruturam as sociedades.

⁶ Texto original: la imaginación, como base de toda actividad creadora, se manifiesta por igual en todos los aspectos de la vida cultural posibilitando la creación artística, científica y técnica. En este sentido, absolutamente todo lo que nos rodea y ha sido creado por la mano del hombre, todo el mundo de la cultura, a diferencia del mundo de la naturaleza, todo ello es producto de la imaginación y de la creación humana, basado en la imaginación (VIGOTSKY, 2003, p. 10).

6 TRANSGRESSÃO, ESCOLA E LITERATURA INFANTIL

No capítulo das reminiscências, o terceiro, havia feito alguns questionamentos em torno da palavra *transgressão*. Perguntava: o que seria transgressão? A escola é transgressora? A escola deveria ser transgressora? Os livros para crianças podem ser transgressores? Transgredir é algo bom ou ruim? Tentarei agora encontrar possíveis respostas para tais questões.

O que é transgressão? Buscando o significado da palavra em três dicionários eletrônicos, encontro como primeira definição os seguintes resultados, todos semelhantes: (1) ato ou efeito de transgredir⁷; (2) ato de transgredir; infração⁸; e (3) ação de transgredir, de infringir; violação, infração⁹. A pesquisa converge para um ponto: devo aprofundar a busca e ir à palavra *transgredir*. Então...

O que é transgredir? Ainda nos mesmos dicionários, encontro as seguintes definições: no Michaelis, transgredir é (1) ir além dos termos ou limites; no Priberam, é (2) passar além do limite razoável; infringir; e, no Dicio, é (3) ultrapassar o limite de algo. Relaciona-se, portanto, com limites; e limites resultam das escolhas humanas, principalmente dos que ditam as regras e convenções sociais. *Alguém* estabelece os limites. Transgredir, nesse sentido, refere-se a questionar o que é imposto/aceito pelas sociedades e o que não é. É, com viés crítico, discernir os limites que constroem positivamente os direitos individuais e coletivos das opressões travestidas de verdades inquestionáveis. Entramos – nunca estivemos fora dele, na verdade – no campo político. Transgredir é um ato de liberdade, como defende Bell Hooks, no livro *Ensinando a transgredir* (nome bem sugestivo). Eis um dos exemplos de vida apresentados pela autora:

Os alunos negros e brancos que se consideravam progressistas se rebelavam contra os tabus raciais tácitos que pretendiam sustentar a supremacia branca e o *apartheid* racial mesmo diante da dessegregação. [...] Aqueles entre nós que queriam fazer da igualdade racial uma realidade em todos os aspectos de sua vida eram ameaças à ordem social. Tínhamos orgulho de nós mesmos, da nossa vontade de transgredir as regras. Tínhamos orgulho da nossa coragem. (HOOKS, 2013, p. 38, grifo da autora)

Em *transgredir*, é importante atentar para a dual face da palavra: ela pode tanto ser entendida como algo *bom*, positivo, como algo *ruim*, negativo. A questão é: bom para quem? Ruim para quem? Hooks orgulhava-se de lutar pela igualdade racial; transgredir, para ela,

⁷ Dicionário online Michaelis.

⁸ Dicionário online Priberam.

⁹ Dicionário online Dicio.

seria extremamente positivo, fulcral, *bom* – era no ato de questionar e fazer frente a algo inquietante, injusto (e, nesse caso, também cruel, excludente e *anti-vida*), que direitos legítimos poderiam ser conquistados. E seria ruim para quem? Se ouvíssemos um supremacista branco, a *transgressão* vinda do grupo de Hooks seria entendida como maléfica, subversiva, contra as leis, contra o que é certo, contra a manutenção do *status quo*... Assumo o mesmo sentido de transgressão de Hooks, elevando a importância da conscientização crítica, tão defendida pela teoria freiriana. Vale lembrar que as ideias de Paulo Freire, durante a ditadura militar brasileira, foram consideradas subversivas, deveriam ser extintas, extirpadas pela raiz. Freire é exemplo de transgressão, de pensar a educação como forma de combater às desigualdades predatórias da sociedade.

A escola deveria ser transgressora? Antes, algumas constatações: mesmo com a ampliação do acesso à escola, é maciça a quantidade de alunos que fracassam (e são excluídos) no (do) processo de aprendizagem – ou seja, a escola continua a reproduzir práticas de dominação.

O *conhecimento* como dispositivo das descobertas é importante artifício para o trabalho realizado nas escolas, tanto em nível de ressignificação (visto que a todo o momento a sociedade se modifica) e problematização (para o desenvolvimento de reflexões e atitudes através da observação da realidade, da cultura e da transformação) quanto em nível de produção de novos conhecimentos (GARCIA; MOREIRA, 2012, p. 12) – num propósito de ir além do que já está posto. Alguma semelhança com o significado de transgressão?

A forma de avaliar crianças e alunos pode evidenciar os caminhos de uma escola – suas concepções e entendimento acerca da aprendizagem, por exemplo. De acordo com Barbosa (2008, p. 2),

o termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como: fazer prova, fazer exame, atribuir nota, repetir ou passar de ano. Esta associação, tão presente ainda em nossas escolas, é resultante de uma concepção pedagógica ultrapassada, mas tradicionalmente dominante. Nela, a educação é concebida como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo. Em consequência, a avaliação se restringe a medir a quantidade de informações retidas. Nessa abordagem, em que educar se confunde com informar, a avaliação assume um caráter seletivo e competitivo.

O caráter “seletivo e competitivo” é predatório, porque julga, classifica e exclui (ao final desse processo, o aluno sairá como único culpado pelo fracasso escolar). Apesar dos esforços da academia em produzir pesquisas teóricas, as práticas curriculares em sala de aula não foram substancialmente enriquecidas: o engessamento do ensino é uma realidade e “a

teoria e a prática não se encontram tanto como seria de desejar” (GARCIA; MOREIRA, 2012, p. 9).

As políticas neoliberais rechaçam a participação – e, principalmente, a obrigação – do Estado nas decisões políticas educacionais em face da força das iniciativas privadas. Em vez de políticas integradoras, observamos nesse processo o favorecimento de desigualdades e ações excludentes (SACRISTÁN, 2012, p. 70). A educação escolarizada foi enfraquecida desde que a globalização passou a ditar as regras sociais. Os sujeitos são submetidos à competição, ao individualismo e à exclusão; o conteúdo do currículo vigente é motivo de questionamento quanto ao interesse e a finalidade; o aprendizado é fragmentado e, por consequência, às vezes insuficiente e/ou ineficaz.

Na complexidade da escola, encontro também o admirável e intrigante paradoxo: ao mesmo tempo em que pode normalizar as desigualdades e dar voz à exclusão, é a partir destas contradições que reflexões surgem para tentar, primeiramente, entender a engrenagem da desigualdade e, num segundo momento, dar novo significado a ela própria num mundo imerso às demandas do mercado, da alienação e da manutenção da ordem social.

Dadas as reflexões acima, afirmo: a escola é o local propício para a transgressão. É o local de contestar o sistema estando e sendo o sistema. É abertura, é questionamento, é pluralidade. A escola é o que é: e ela é possibilidade...

Próxima: os livros para crianças podem ser transgressores? Vamos às discussões...

Subestimar a capacidade de entendimento das crianças é brutal para o desenvolvimento delas; acreditar num texto como provedor da inquietude e da abertura à dúvida é acreditar na variedade de significados que existe na vida e que se expressa na arte (BAJOUR, 2012, p. 35). Conforme defendido em *Infância e reminiscência*, os encontros e desencontros que surgem com a leitura são movimentos de inserção na contemporaneidade, pois as crianças, rejeitando a passividade de outrora, precisam ser ouvidas. Ouvidas porque têm direitos, porque têm anseios, porque querem saber, porque fabulam o mundo de acordo com as experiências que possibilitamos a elas. E a literatura é o terreno da dúvida. “Nada há de mais libertário e revulsivo que a possibilidade que o homem tem de duvidar, de se questionar” (ANDRUETTO, 2012, p. 68).

Defendo aqui textos que incomodam o leitor, por apresentarem novos significados do mundo. “A aceitação ampla de textos limitadores não só restringe o pensamento dos leitores como também a capacidade de pensar” (HUNT, 2010, p. 173). A literatura infantil por vezes parece ser refém do moralismo da sociedade, do conservadorismo despreendido de críticas, de

uma espécie de proteção à criança sem entendimento do que é a criança. Sobre a escrita para crianças, concordo que:

grande parte dos livros destinados ao setor infantil e/ou juvenil – claro que com honrosas exceções de livros, autores, ilustradores e editores – procura uma escrita *correta*, quando não francamente frívola (politicamente correta, socialmente correta, educacionalmente correta), ou seja, fabrica produtos que são considerados adequados/recomendáveis para a formação de uma criança ou para seu divertimento. E já se sabe que *correto* não é um adjetivo que cai bem na literatura, pois a literatura é uma arte na qual a linguagem resiste e manifesta sua vontade de desvio da norma. (ANDRUETTO, 2012, p. 60, grifos da autora)

O enrijecimento da literatura infantil faz parte da busca de um molde de criança, onde todas apresentam as mesmas visões e pretensões de vida. Nesse contexto, as crianças são seres inocentes e em momentos mínimos terão o direito de escolha. “Só porque o texto se destina a leitores supostamente “inocentes” não basta que ele seja em si mesmo inocente” (HUNT, 2010, p. 37). Livros que não *inquietam* o pensar provavelmente nem chegam a *tocar* o leitor/ouvinte.

Além da subserviência às ideias conservadoras, os livros para crianças estão fortemente presos às amarras da funcionalidade escolarizada – à finalidade didática, onde um livro infantil só existe na escola por conta do trabalho pedagógico que dele surge. A pluralidade de sentidos é excluída da leitura quando o texto é utilizado de maneira a homogeneizar a experiência, com predeterminações do conteúdo e da finalidade dele; perde-se o caráter ambíguo do confronto leitor/ouvinte com o livro (ANDRUETTO, 2012, p. 116). Além disso, as práticas de leitura dentro da escola costumam seguir o padrão superficial de discussão de um livro, onde os comentários realizados estão restritos ao *sim*, *gostamos* e ao *não gostamos* (BAJOUR, 2012, p. 62).

Para Hunt (2010, p. 290), os livros para crianças educativos e moralizantes resultam da dominação adulta, pois tanto as personagens infantis como as crianças leitoras/ouvintes são dependentes da voz e da presença adulta (autor ou leitor/mediador). Para Andruetto (2012, p. 100), eles resultam da superficialidade, do medo da realidade da vida, que é “intensa, assombrosa, desagradável e incorreta”. De qualquer forma, é certo que quando o livro infantil é encarado como uma atividade cultural passiva, desconexa da realidade, sem aprofundamentos significativos, estamos domando – e não expandindo – a vida da criança (HUNT, 2010, p. 36). Sim, os livros para crianças podem ser transgressores. E mais: no mar de publicações editoriais, são necessários títulos relacionados à realidade social de cada lugar, são fundamentais os temas emergentes que confrontam a moralidade e que desafiam o

leitor/ouvinte, são bons caminhos ter possibilidades emancipatórias que surgem com e na literatura infantil.

Andruetto preocupa-se com o cenário atual da literatura para crianças:

Em algum momento da história da literatura se temeu que a ruptura e as explorações das vanguardas terminassem por desintegrar a linguagem. Hoje, a ameaça é uma desintegração ao contrário, uma desintegração por excesso de adaptação, de submissão, de aceitação, até lamentar uma escritura tão soldada, tão estereotipada, tão pouco explosiva, tão sem fissuras. Se a escritura nos livros para crianças tende tanto ao asséptico e ao neutro, se, em vez de ser estremeceadora, incômoda, comovente ou indomável, é anódina, inócua e submissa ao peremptório desejo de vender exemplares, então a literatura infantil e juvenil está perdida. (2012, p. 199)

Devo talvez ser mais incisivo: uma parte das publicações de livros para crianças *deve ser* transgressora (em vez de *pode ser*). É uma demanda pertinente da contemporaneidade.

Primeiro adendo: quando assumo que existe transgressão em livros para crianças, estou automaticamente aceitando que existem livros que não transgridem. Entro numa problemática maior: o conteúdo, a compreensão subjetiva do leitor/ouvinte e o uso que fazemos (como mediadores) do livro. Dificilmente *Os Três Porquinhos* conseguirão, sem mediação, trazer à tona reflexões emergentes, por conta do conteúdo do livro; ao mesmo tempo, quantos professores já fizeram bom uso de sequências didáticas dessa história, apoiando-se nela para reforçar que dedicar-se a algo pode valer a pena? Nestes escritos, um texto que não transgride é um texto que não se aproxima de temas emergentes e contemporâneos; é um texto que limita a capacidade interpretativa, crítica e criativa das crianças (*dito isso... Não, a história d'Os Três Porquinhos não será considerada como transgressora*).

Segundo – e último – adendo: leitura apolítica é “história para boi dormir”... Para a boa compreensão dessa sentença, aproveito os dizeres de Peter Hunt referentes a duas atitudes correlacionadas:

A primeira resulta no anti-intelectualismo, já aqui observado: a ideia – ou não ideia – de que pensar não é muito apropriado nos livros para criança. Logo essa atitude abre caminho para a segunda ideia: a de que os livros infantis, como as crianças, são inocentes e que as ambições de escritores, críticos, pais e do restante de nós são ideologicamente neutras. Por causa disso, fracassamos em perceber que, além de não podermos ser apolíticos, grande parte da ideologia presente nos livros para criança e em torno deles está oculta – e na verdade mascarada como o oposto do que realmente é. (2010, p. 207)

Não há neutralidade. Não há leitura desprendida de política, bem como não há educação desprendida da realidade, e a realidade é política.

Nos próximos dois capítulos, discuto a literatura infantil engajada com três temas transgressores da sociedade contemporânea – o protagonismo negro (sétimo capítulo), a imigração e os refugiados (oitavo capítulo) –, buscando situar as produções literárias infantis num contexto ativo, crítico, em relação ao que socialmente nos cerca. A ampliação do repertório de leituras passa pela ampliação das representações sociais que nelas encontramos – daí a importância da pluralidade de temas, de pontos de vista.

7 LULU SE TRANSFORMA NUMA FADA PRINCESA¹⁰

Eu, Caio Campos, sou um homem branco. Meu lugar de fala vem acompanhado de privilégios. Em contrapartida, sou da educação, da pesquisa, das causas sociais sustentadas na literatura infantil. Venho me construindo e me reconstruindo há algum tempo. Com certeza, estou longe de ser a melhor pessoa para tratar de questões de raça, de opressão, de discriminação... Não tenho experiências vividas disso, apenas algumas leituras e empatia. De qualquer forma, como ser humano, tenho o dever de estar a par da luta antirracista, em pensamento e atitude. Como professor, tenho o dever de levar ao ambiente escolarizado possíveis discussões acerca da diversidade, trabalhando criticamente com as diferenças.

Vivo na terra de Eduarda e Helena, Adriel, João Pedro e George Floyd¹¹... Vivo na terra que vê crescer o sentimento ultraconservador, que se reveste da sistematização de preconceitos, racismo e discriminação – logo, de desigualdades. Por essas e outras que alerto para a necessidade de estarmos engajados com a luta antirracista, bem como as demais causas sociais contemporâneas. É de caráter emergencial dar novos significados às ações que afirmem o movimento negro nas relações de raça, protagonizando-o nos processos históricos de luta a favor da vida e do respeito à dignidade humana.

Representatividade: o protagonismo negro na literatura infantil acontece com a presença de autores e ilustradores negros, personagens negras e narrativas que favoreçam a cultura não eurocêntrica e a diversidade.

Mesmo que algumas práticas de leitura não apresentem o autor, seja pela idade dos leitores/ouvintes ou por questão de interesse (*não querer*, pois na exploração de um livro não há obrigação de apresentá-los – literatura com muitas exigências costumam ser maçantes), a identificação de negros que escrevem e ilustram livros para crianças é valioso, principalmente para aproximar o leitor negro do sentimento de pertencimento ao universo dos livros – *sim, os livros estão abertos a qualquer pessoa, independente das diferenças!* E, voltando ao que foi dito no primeiro parágrafo deste capítulo, envolve também lugar de fala:

¹⁰ MCQUINN, A. **Lulu adora histórias**. Ilustrações de Rosalind Beardshaw. Tradução de Lis Dornelas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. Trata-se de uma das frases do livro, onde a personagem principal é leitora voraz e ama ir à biblioteca com o pai. Com os livros, Lulu dá vida ao que ouve, tornando-se uma fada, um tigre... Lulu é negra, mas nem por isso o livro racializa a narrativa: pelo contrário, ajuda a desmistificar o negro na sociedade.

¹¹ Eduarda e Helena, gêmeas de 11 anos, são leitoras que inspiram outras crianças no Morro da Providência, favela do Rio de Janeiro, através do projeto “Pretinhas Leitoras”. Adriel, 12 anos, publica resenhas de diversos livros no Instagram e recentemente foi alvo de ataques racistas. João Pedro era um adolescente de 14 anos que foi assassinado durante uma operação policial em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, enquanto brincava na casa da família. George Floyd, um homem de 46 anos, também foi assassinado pela polícia (desta vez americana). Em comum, todos negros.

uma narrativa de protagonismo negro só é realmente expressa quando o criador dela tem as experiências de vida necessárias para expor o que pensa.

Um dos livros que indico para compor as bibliotecas escolares e familiares é *Amoras*, de Emicida (cantor e compositor – e agora escritor), com ilustrações de Aldo Fabrini. Inspirado em um rap do próprio artista, encontramos nele o sentimento de orgulho de uma criança por ser quem ela é. Nos versos do poema, exploram-se: crenças, com os diferentes nomes dados a Deus; valorização do pensamento livre da criança; analogia entre as amoras e as crianças negras, onde “quanto mais escuras, mais doces” (EMICIDA, 2018, não paginado); historicidade e representatividade de personalidades negras, com a presença de Martin Luther King e Zumbi dos Palmares... Emicida, em contexto brasileiro, também é uma personalidade negra. Ciente da responsabilidade social que tem, inspira e emociona com delicadeza e proximidade entre vivências e discurso¹².

Sentir-se representado nas personagens negras de um livro assemelha-se à representação advinda de bonecas e bonecos negros. A criança negra se vê como parte de algo muito maior, que ainda nem entende; a criança branca/amarela pode passar a atentar às diferenças, não como motivo de desagregar ou de distanciar (*afinal, isso é geralmente coisa de não criança*), mas num sentido de aceitação da diferença como algo imanente ao ser humano – como no velho clichê: ser diferente é normal. Mas devemos estar atentos à forma que ocorre essa representação: com estereótipos? Com resquícios eurocêntricos? Que características físicas são dadas à personagem negra? Há exagero nos contornos e nos tamanhos da boca, nariz, olhos?

Do mesmo modo, as narrativas devem ser analisadas com critério e criticidade. “A personagem negra está inserida em qual contexto?”, devemos nos perguntar (recordo agora de *Tia Nastácia*, personagem de Monteiro Lobato...). Quanto à escolha do enredo das histórias, devemos pôr em análise: a diversificação do *maravilhoso* e dos contos de fada, que são puramente eurocêntricos, repletos de aventuras brancas e nenhuma menção às culturas afro (mitos e lendas africanos são boas histórias que inserem o *maravilhoso* num tom de diversidade cultural); a personagem negra aparecendo em condição de protagonismo, e não como coadjuvante ou subalterna; presença de personagens negras em outras temáticas, desprendendo-se da representação apenas em livros que falam das culturas afro, do racismo, da autoafirmação (sem racializar a obra, mas afirmar a presença do negro em qualquer

¹² Mais abaixo, especialmente no décimo capítulo, há um levantamento mais extenso de obras consideradas transgressoras. Dentre elas, algumas dedicadas ao protagonismo negro.

contexto); a narração, seja em primeira ou terceira pessoa, alinhada ao ponto de vista negro, confrontando a visão hegemônica, *transgredindo*.

8 DESEJAVAM SÓ DESCANSO NUM PAÍS CHEIO DE PAZ¹³

Antes de tudo, sinto-me no dever de fazer a distinção dos conceitos de *migrante* e *refugiado*, para que não sejam entendidos como sinônimos. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR, os refugiados “estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, [...] grupo social ou opinião política, [...] conflitos armados” (2018, p. 8), ao passo que os “migrantes internacionais escolheram viver no exterior principalmente por motivações econômicas, podendo voltar com segurança a seu país de origem se assim desejarem” (2018, p. 10). Os refugiados são assistidos pelo país que os acolhe e pela própria ACNUR. Diferenciá-los é uma forma de preservar os direitos legais dos refugiados.

Dito isso, convém ressaltar que ambos fazem parte da crise humanitária que vivemos. E essa crise excede as barreiras das organizações competentes e das páginas complexas das leis. De tão humana, transborda nas linguagens artísticas: nas artes visuais, na música, no teatro e na dança... Nos últimos anos, a Literatura também vem sendo um dos *refúgios* da crise. Assim, publicações de livros para criança que abrem diálogo sobre os dois temas, sem a presença do incômodo didatismo, proliferam-se. Ganhamos em quantidade e em qualidade: a migração e a situação dos refugiados são assuntos desenvolvidos com maestria e delicadeza, por exemplo, nos livros *Para onde vamos*¹⁴, *Um outro país para Azzi*¹⁵ e *Eloísa e os bichos*¹⁶, todos da editora Pulo do Gato.

Em *Um outro país para Azzi* (2012), os leitores sentem a dor de uma família que deixa tudo para trás e encontra refúgio em outro país, por causa da guerra. As ilustrações transmitem o pavor da menina Azzi ao adentrar em uma nova cultura, em um novo contexto social. Transmitem, também, a felicidade da criança em pequenas atitudes – como ao plantar feijões na nova escola – e em grandes acontecimentos – como quando Azzi reencontra sua avó, que ficara só no antigo país da família. O livro apresenta a reconstrução de vidas por meio do acolhimento, da tolerância e do respeito ao diferente.

¹³ BRECHT, B. **A cruzada das crianças**. Ilustrações de Carme Solé Vendrell. Tradução de Tercio Redondo. São Paulo: Pulo do Gato, 2014. Em meio à Segunda Guerra Mundial, crianças órfãs buscam refúgio em meio ao caos da fome, da insegurança, da morte... Texto e ilustrações de uma complexidade ímpar – e, por isso, revigorantes, reflexivos, humanos. Transgressores.

¹⁴ BUITRAGO, J. **Para onde vamos**. Ilustrações de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

¹⁵ GARLAND, S. **Um outro país para Azzi**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

¹⁶ BUITRAGO, J. **Eloísa e os bichos**. Ilustrações de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

Em *Para onde vamos* (2016), os leitores acompanham a viagem de um pai e uma filha em busca de acolhimento em outro país. Não é explícito o motivo da partida, mas, através do diálogo entre texto e ilustrações, é evidente a preocupação do pai em estar nessa jornada perigosa e o encantamento da menina com o mundo que a cerca. É uma obra que traz à memória as diversas infâncias existentes: uma delas é a dessa menina, que vive não o tempo da preocupação por estar adentrando num universo desconhecido, refugiando-se em outro território, mas o tempo das novas experimentações e descobertas. A menina consegue viver o tempo *aiónico*, e não somente o tempo de *chrónos*¹⁷.

Antes de *Para onde vamos*, o autor Jairo Buitrago e o ilustrador Rafael Yockteng construíram outra fantástica obra para o público infantil: *Eloísa e os bichos* (2013). Em uma nova cidade, a menina Eloísa percebe quão difícil é adaptar-se a um novo local: “Eu não sou daqui, chegamos numa tarde, quando eu era bem pequena. Enquanto papai procurava trabalho, eu ia para a escola... E me sentia um bicho estranho” (BUITRAGO, 2013, não paginado). As ilustrações são fantásticas e ampliam nos leitores a sensação de estranhamento da personagem à diferente realidade – os moradores da cidade são besouros, formigas, aranhas, baratas, gafanhotos... De maneira poética, o livro mostra a gradual adaptação da criança em meios a tantas mudanças.

De fato, são três livros que não só podem emocionar, mas também proporcionar humanização a quem os lê e a quem os ouve, independente da idade. Aproximam vivências, ativam o que há de mais humano em nós por apresentar a vida como ela é. Sem rodeios, às vezes pesada, talvez complexa, mas sempre um lugar de esperança. Por menos resistência à pluralidade de temas na sociedade. Por mais transgressões – daquelas positivas – *aqui* e *ali*. Em casa, na escola, na chuva, na rua, na fazenda...

¹⁷ Em *Lugares da infância: filosofia* (2004), Walter Omar Kohan menciona que o tempo não se limita ao passado, presente e futuro (*chrónos*), mas pode ser também uma referência à intensidade da vida humana, uma temporalidade atemporal, que é o tempo *aiónico*. A menina que viaja com o pai tem experiências próprias, que persistem em tornar o refúgio em maravilhosa descoberta infantil do mundo, onde cada animal visto é contado e cada nuvem é apreciada.

9 A INDÚSTRIA BRASILEIRA DO LIVRO PARA CRIANÇAS

Todo movimento cultural é passível de monetização: não seria diferente com a literatura infantil, que carrega na produção e distribuição de livros a forte relação principalmente com os interesses ideológicos do mercado, mas também da educação. Tais apelos mercadológicos seguem a demanda da nossa crise política, talvez ética, de identidade, de pensamento, que encara como *inapropriada* qualquer leitura politicamente incorreta. *Esse livro é inapropriado para crianças!*

É nesse cenário que autores de livros para criança estão: se buscam rentabilidade em curto prazo, precisam adequar-se aos limites impostos pelas editoras, que se adéquam aos limites impostos pelo pensamento ideológico vigente, que vigoram no modo de ser e agir de pais e mães, que pressionam a escola para *ensinar* com o livro (dando funcionalidade à literatura...) apenas o que lhes convém... “A pressão para obter rendimentos imediatos tem um efeito perverso que atua contra os interesses do próprio círculo editorial, já que não contribui para criar novos e bons leitores.” (ANDRUETTO, 2012, p. 62). Ao final de tudo, somente um coitado não é ouvido no processo: a criança (e, que curioso, é o mais importante dos envolvidos, não é? As publicações entendidas como “literatura infantil” são especialmente produzidas para a criança, certo?).

Uma forma de dar novo rumo a esse ciclo é incentivar e possibilitar leituras de qualidade nas escolas. Por isso, mapear o mercado e questionar os cânones literários são ações importantes para a democratização do livro, compreendendo que “todo cânone necessita da ameaça externa – a ameaça do não canônico –, e é desse exterior não canonizado que se originam as reservas da literatura que virá” (ANDRUETTO, 2012, p. 33). O cânone é uma construção social (HUNT, 2010, p. 87) que, por característica, consagra e exclui livros, ocultando “uma série de definições sobre o que é a arte em cada momento histórico – em nosso caso, sobre o que é a literatura, em particular a infantil” (BAJOUR, 2012, p. 93).

Se, por um lado, há editoras grandes que capitalizam vorazmente o produto livro e, nisso, acabam produzindo por vezes literatura no mínimo questionável, existe também, por outro lado, o avanço de pequenas editoras no cenário brasileiro. Essas, mais preocupadas com a qualidade literária; aquelas, mais atentas aos movimentos de venda. São as editoras de pequeno porte e menor alcance que estão na linha de frente quando se trata de diversidade literária, seja quanto ao gênero ou ao engajamento político do livro como objeto cultural. É onde realmente o literário vem resistindo (visto que nem todo livro para criança é literatura infantil). É entre demanda e transgressão que a indústria da literatura infantil flutua.

É nesse contexto que destaco quatro editoras pequenas/médias que vão ao encontro do que defendo nesta monografia: textos robustos, essencialmente literários, que por vezes ainda confrontam a moralidade, o politicamente correto, o *status quo*.

1) *Editora Pulo do Gato*: amor à primeira vista! A conheci em 2019, *naquela* livraria do terceiro capítulo (de lá para cá, surgiu uma relação de proximidade, um afeto meio estranho que tenho com a *Pulo*). A editora possui títulos voltados aos leitores em formação e aos formadores de leitores (PULO DO GATO, 2017, p. 1), cenário que pode ser exemplificado nas referências desta monografia, que não só traz livros da *Pulo do Gato* que são próprios da literatura infantil, mas também aqueles que discutem essa literatura.

Além disso, ela segue a nova tendência de não taxar os livros por idade, mas por níveis de leitura. “A convicção de que as crianças, desde muito cedo, devem ter acesso a livros de qualidade literária e estética, para que ampliem suas perspectivas, suas referências culturais e sua visão de mundo” é a principal motivação da editora para publicar livros da literatura infantil (PULO DO GATO, 2017, p. 2). Márcia Leite, sócia-fundadora da editora, sustenta que a *Pulo do Gato* contempla temas próprios da condição humana e prefere livros que transformam em vez dos que acomodam (PULO DO GATO, 2017, p. 3). Ainda no catálogo da editora, Márcia Leite observa que:

a resistência aos livros de “assuntos difíceis ou controversos” se deve, em grande parte, à não percepção dos adultos de que as crianças já habitam o mesmo mundo que eles. Crianças e adultos são contemporâneos. Não falar com elas sobre alguns assuntos, não significa que estes não existem ou que são invisíveis para as crianças, mas pode sinalizar pouca disponibilidade para a escuta e para o diálogo. Não dar ouvidos às curiosidades, inquietações e conflitos dos pequenos leitores não faz com que eles não sofram ou se angustiem com o que não conseguem entender ou nomear. (PULO DO GATO, 2017, p. 4)

Estamos ou não alinhados na ideia de uma literatura infantil que em nenhum momento duvida da capacidade das crianças? Às vezes o amor acerta!

2) *Pallas Editora*: o catálogo de literatura infantojuvenil da editora contém principalmente “títulos em que as histórias africanas e afro-brasileiras são contadas e nos quais personagens negros ocupam o lugar de protagonistas” (PALLAS, 201-). É uma editora que dá voz às raízes brasileiras e, por isso, tem importância fundamental na divulgação da nossa cultura. É uma volta ao sétimo capítulo, onde discutimos a representatividade negra na literatura infantil – a *Lulu*, aquela que adora histórias, foi publicada pela *Pallas*.

3) *Mazza edições*, selo *Penninha Edições*: com a proposta de “atuar com sentido crítico para oferecer aos seus leitores e clientes obras que contribuam para uma melhor

compreensão do passado, do presente e do futuro” (MAZZA, 2020), a editora possui pontos em comum com a *Pallas*, visto que está comprometida a difundir a nossa cultura, dialogando com as questões sociais do Brasil. Ela também eleva o debate sobre a diversidade, principalmente quando evidencia o protagonismo negro vindo de autores e autoras negras que publicam pela editora.

4) *Boitempo editorial*, selo *Boitatá*: a editora é direta quanto à linha que segue: livros políticos, situados no campo progressista. O selo infantil surgiu em 2015 – numa resposta às crescentes ondas extremistas neoconservadoras –, não com a finalidade de formar politicamente uma criança, mas dar a ela possibilidade de inserir-se na discussão de temas emergentes, com outros pontos de vista. Os livros para criança da *Boitempo*, que são “para pequenos leitores que pensam grande, [...] estimulam a reflexão sobre as noções de ditadura e democracia – porque política também é coisa de criança” (BLOG DA BOITEMPO, 2015). E assim segue, mostrando o potencial transgressor que carrega:

inauguramos o Boitatá, um selo infantil que não subestima a inteligência de seus pequenos leitores e procura promover o aprendizado, o questionamento e a construção do senso de justiça através de livros instigantes e envolventes. [...] De forma didática e ricamente ilustrados, os volumes que compõem a coleção pretendem ser uma introdução – aos pais e educadores, dentro e fora de sala de aula – a temas de interesse social e cidadania, além de promoverem um convite ao debate. Inéditos no Brasil, os livrinhos surpreendem por sua atemporalidade. (BLOG DA BOITEMPO, 2015).

Na citação acima, incomoda o uso de “livrinhos”, aparentemente inofensivo, mas ainda destrutivo para elevar a literatura infantil como campo de estudo teórico, engajado com a seriedade que qualquer pesquisa carrega. Hunt (2010, p. 27-28) alerta que, para muitos acadêmicos (e aqui amplio: para muitos que trabalham com o livro, estando ou não em ambiente acadêmico), a literatura infantil “não é um assunto. Seu próprio tema parece desqualificá-la diante da consideração adulta. Afinal, ela é simples, efêmera, acessível e destinada a um público definido como inexperiente e imaturo”.

É inegável o bom material da *Boitempo*, com livros como *Lute como uma princesa* (2019)¹⁸, *Pinóquio: o livro das pequenas verdades* (2019)¹⁹, *O urso que não era* (2018)²⁰, *Neném outra vez!* (2018)²¹, *Meu crespo é de rainha* (2018)²², *A ditadura é assim* (2015)²³...

¹⁸ MURROW, V. **Lute como uma princesa**. Ilustrações de Julia Bereciartu. Tradução de Dani Gutfreund. São Paulo: Boitatá, 2019.

¹⁹ RAMPAZO, A. **Pinóquio: o livro das pequenas verdades**. São Paulo: Boitatá, 2019.

²⁰ TASHLIN, F. **O urso que não era**. Tradução de Dani Gutfreund. São Paulo: Boitatá, 2018.

²¹ KEHL, M. R. **Neném outra vez!**. Ilustrações de Laerte Coutinho. São Paulo: Boitatá, 2018.

Além das editoras citadas, outros nomes vêm surgindo no Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste (destaco alguns nomes: Editora Passarinho, ÔZé Editora, Editora Quatro Cantos, Editora Piu, Edições Olho de Vidro, Livros da Matriz e Gato Leitor Editora). No nordeste, a Editora Solisluna, da Bahia, é referência na edição de livros para a criança. No país, portanto, ainda não estamos descentralizados, mas a tendência é expandir grupos editoriais em outras localidades: vivemos o *boom* do mercado de livros para criança – e, felizmente, estamos bem servidos de qualidade literária, basta filtrar, conhecer, comparar, não cair nas tentações do senso e comum e, principalmente, não limitar o mundo à criança. Possibilitar grandes leituras deve ser o nosso compromisso. Torcer para que o *boom* chegue o quanto antes à região norte deve ser uma de nossas boas esperanças.

²² HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka. Tradução de Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018.

²³ EQUIPO PLANTEL. **A ditadura é assim**. Ilustrações de Mikel Casal. Tradução de Thaisa Burani. São Paulo: Boitatá, 2015.

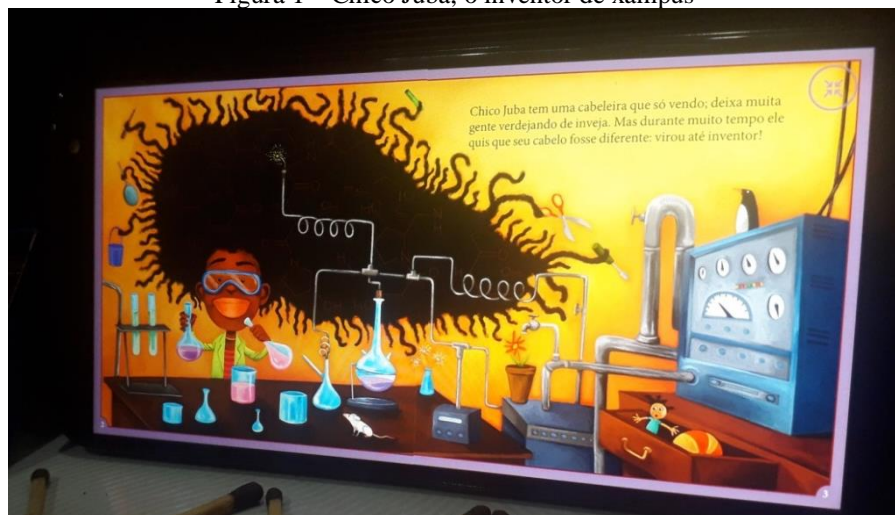
10 MAPEAMENTO DE TÍTULOS POTENCIALMENTE TRANSGRESSORES

Em meio a tantos livros publicados, selecionei uma pequena parcela deles para enriquecer o debate desta monografia. Alguns tratam de temas complexos, que exigem do mediador segurança de si e conhecimento prévio, mesmo que ainda superficial, sobre o assunto (não somos capazes – ainda bem – de solucionar todos os questionamentos do mundo!), como a morte. Uns são táticos quanto à profundidade dos temas: apresentam narrativas leves, mas que possibilitam a aparição de boas conversas e reflexões, como as discussões de gênero. Outros brincam com a criança leitora/ouvinte por mostrar o lado politicamente incorreto da vida, com humor exagerado ou sutileza crítica a algum assunto emergente. São livros que por vezes podem nos colocar em situação de desconforto – fenômeno que ocorre muito mais nos adultos do que nas crianças. Em comum, todos possuem potencial para *tocar* o leitor.

Esta seleção, bem como qualquer outra, carrega escolhas pessoais, passíveis de questionamentos, divergências, desencontros... Ciente que há outras tantas obras que facilmente poderiam estar por aqui listados, limito minhas escolhas aos livros que li. Cuidado, há spoilers!

Um. Chico Juba (2011), de Gustavo Gaivota, com ilustrações de Rubem Filho. Mazza Edições.

Figura 1 – Chico Juba, o inventor de xampus



Fonte: Própria (2020)

Chico Juba já tem um nome bem sugestivo. Chico, bem brasileiro. Juba, pois seu imponente cabelão parece uma juba de leão! E é com a brasilidade e o vasto cabelo que

seguimos a narrativa. Parece ser do brasileiro a invenção irreverente: Chico Juba, motivado por querer um cabelo diferente, tornou-se um inventor mirim de xampus – um daqueles bem excêntricos. Os inventos não deram lá muito certo: ora ficava careca, ora atraía insetos para morar na cabeleira... Certa vez, ficou parecendo um velhinho, com cabelos brancos; em outra invenção, fez até cocô nas calças por usar xampu de bebê...

Tem linguagem fluida e ilustrações bem coloridas, que convidam o leitor a dar sentidos que ultrapassam o texto. Após aceitar o seu cabelo, por exemplo, o texto nos diz que Chico Juba “parou de inventar xampus e passou a inventar moda” (GAIVOTA, 2011, p. 23); a ilustração da página dupla mostra, de um lado, Chico dedicando-se a criar roupas (moda!) e, do outro, quatro fotos do menino com quatro maneiras distintas de arrumar o cabelo (moda!). É um livro-ilustrado divertidíssimo, que abre novas camadas de leitura, como a aceitação do cabelo da criança negra, que é uma situação explícita no livro. A subjetividade da criança leitora e os caminhos que o mediador escolhe contribuem para o nascimento de outras camadas: Vini (quatro anos), meu sobrinho e grande amigo, atentou para o gênero das coisas, quando lemos que Chico Juba usou um xampu *de mulher*. A leitura ativou em seu cérebro a distinção construída de que existem coisas para menino e para menina. O livro torna-se um lugar seguro para conversas de desconstrução (da mesma forma que pode ser o lugar da construção de estereótipos e senso comum acrítico), por isso a importância de ler *com* a criança, fazendo uma escuta ativa do que está sendo lido e visto.

Dois. Betina (2009), de Nilma Lino Gomes, com ilustrações de Denise Nascimento. Mazza Edições.

Vó e neta se conectam através dos cabelos de Betina. Em meios às tranças, ao pente que puxa de um lado para o outro, ao creme e às bolinhas de várias cores que prendem as pontas, Betina ouve histórias, ri, brinca. Já de cabelo feito, todos saem elogiando, seja na rua ou na escola: “Que tranças lindas!”, “Parecem bordado!”, “Que cabelo cheiroso!” (GOMES, 2009, p. 10). Na hora do recreio, algumas meninas, curiosas e interessadas, ouvem Betina contar o que aprende com a avó. Tem também menina e menino que não gosta das tranças e, pior, até puxam o cabelo de Betina, que logo trata de responder com classe e deboche qualquer violação sofrida: “Tá com inveja, é? Se quiser, peço a minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também” (GOMES, 2009, p. 12).

A velhice já é um problema para avó, que cada vez mais se aproxima da morte, ou melhor, do encontro com seus ancestrais – os do Brasil e os da África. Antes de partir, um presente: o ensinamento ancestral de fazer tranças. Betina aprende muito bem – torna-se, agora adulta, até cabeleireira. É tão boa no que faz que recebe em seu salão gente de toda

parte. Tão inspiradora que recebe convite para participar de uma palestra na escola, para explicar os processos de pentear e trançar, onde pode conversar com crianças e jovens e reviver a sua infância. É um livro de afirmação da identidade negra, com detalhes de amor e conexão entre uma neta e uma avó e entre uma avó com seus antecessores.

Figura 2 – O carinho da avó

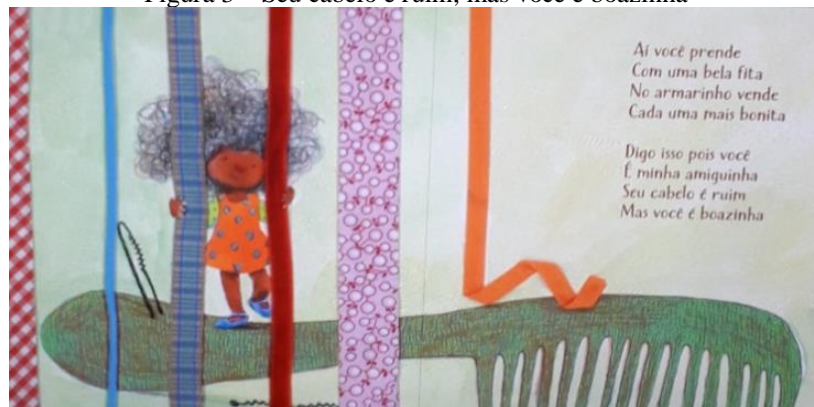


Fonte: Própria (2020)

Três. O cabelo de Cora (2013), de Ana Zarco Câmara, com ilustrações de Taline Schubach. Pallas Editora.

Cora é uma criança negra que sofreu racismo na escola: Miriam, “sutil como um elefante” (CÂMARA, 2013, p. 8), considera feio e desarrumado o cabelo da menina. Assim, Cora fica triste, pensativa... Duvida de si, duvida da sua beleza.

Figura 3 – Seu cabelo é ruim, mas você é boazinha



Fonte: Própria (2020)

O comentário maldoso da “amiguinha” destrói Cora, que resolve desabafar com a tia Vilma, uma mulher cheia de sabedoria e que muito se parece com a sobrinha – principalmente por causa do cabelo. Tia Vilma acalma com as palavras: “cabelo bom / Não é só cabelo liso

[...] cada um / É mesmo diferente / O que falta num / No outro está presente” (CÂMARA, 2013, p. 18-19). A tia revive o passado, o revigora no presente e fortalece os laços da ancestralidade quando lembra da avó Ana: “Foi quem de meu a vida / Essa negra africana” (CÂMARA, 2013, p. 20). Por fim, termina o monólogo fazendo com que Cora tire qualquer ideia de modelo, de padrão. Ela exalta as diferenças. O desfecho da história acontece quando Miriam volta à narrativa, pedindo desculpas pelo que tinha feito. Cora não guarda rancor: o perdão é dado e um abraço apertado é ilustrado.

O cabelo da pessoa negra parece ser a porta de entrada para comentários maldosos. Um livro importante para construir na criança negra sensação de pertencimento, além da aceitação do que é e de seu passado. É importante também para sensibilizar as crianças sobre o bullying, sobre a violência que não parte de socos e chutes, mas de palavras jogadas ao vento. Sensibilizar para desconstruir. Desconstruir para reconstruir, humanizando.

Quatro. Foi ele que escreveu a ventania (2017), de Rosana Rios, com ilustrações de Mauricio Negro. Editora Pulo do Gato.

Faz muito calor ali. Muito sol. Muita secura. No caminho da escola, Tui vê num muro um poema e, amante da poesia, para para ler: “O sol saracoteia / lá no céu. / No solo seco / a gente seca, / só se sente / sede...” (RIOS, 2017, p. 9). Na escola, é o único que pega o livro de poemas. Sente-se conectado ao poeta. Mas, para tristeza do menino, o autor de seu livro favorito havia acabado de morrer naquela mesma data.

Figura 4 – Tui e a eternidade do poeta



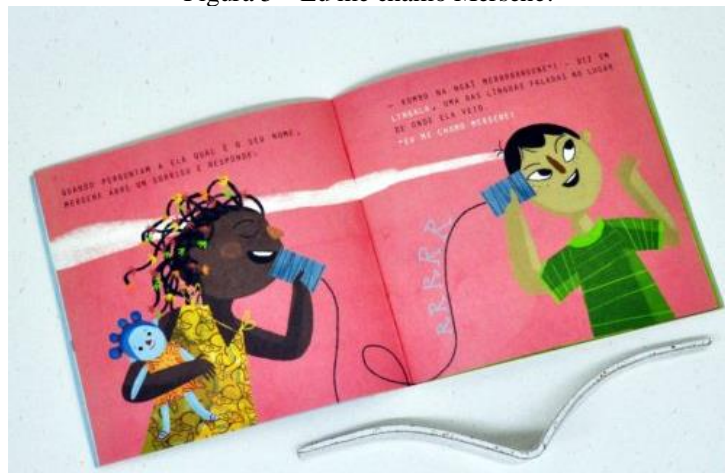
Fonte: Própria (2020)

No dia seguinte, o sol continua o mesmo. O que muda é o muro, que agora está sendo derrubado. Como recordação, Tui guarda um pedaço de tijolo, onde o “SOL” estava escrito. Mais um dia se passa, e dessa vez outra poesia estampada, agora num poste. A palavra do

poeta é eterna, vivo ou morto; no muro ou no poste. A professora presenteia Tui com um livro novinho de poesias – o primeiro de sua vida. Inspirado, decide escrever seu próprio poema. Com o livro e o “SOL”, usa as palavras para pedir vento. E Tui, assim como os bons poetas, consegue mudar a realidade: de madrugada, o vento aparece. E fica forte, cada vez mais forte. Torna-se ventania, traz chuva para a região. Apesar disso, o menino sequer levanta da cama: prefere ficar por lá para sonhar com o poeta.

Cinco. A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congolese (2017), de Fernanda Paraguassu, com ilustrações de Suryara Bernardi. Editora Voo, selo Vooinho.

Figura 5 – Eu me chamo Mersene!



Fonte: (EDITORA VOO, 2018)

Mersene, de tranças coloridas e vestido radiante, é uma criança muito inteligente – até poliglota ela é! A menina nasceu na República do Congo, na África, mas hoje ela vive no Brasil. Devido à riqueza de seu país de nascença, muita gente ali entra em conflito para sair ganhando alguma coisa – tem gente que vem de fora só pela riqueza que pode conseguir. No meio dessas brigas, sofre é quem não quer nada com isso: Mersene, sua mãe e irmãos, por exemplo, tiveram que fugir. De sua casa, de seu país. Por isso, são chamados de refugiados. Mersene, em seu novo país, vai à escola e ensina à mãe o que por lá aprendeu. Brinca, se diverte, faz a festa, inventa. Ela é uma criança feliz – mas, como qualquer pessoa, tem seus momentos de tristeza. A saudade aperta, vez ou outra. Seu pai ficou no Congo. Abraçar o vento é o que a conforta. Imaginando, aproxima-se do pai. A saudade dá trégua e ela volta a inventar novas brincadeiras.

Trabalhar a empatia em crianças é muito importante para a formação cidadã delas. Livros que aproximam culturas, pontos de vista, medos e anseios são boas alternativas para

isso. Fernanda Paraguassu dá vida a uma personagem, mas que bem poderia ser uma história real: várias famílias precisam encontrar novo lar em outro país, mas em nenhum momento esquecem suas origens. Mersene é uma das faces da infância, aquela que brinca com a vida incerta e se revigora de esperança.

Seis. Letras de carvão (2016), de Irene Vasco, com ilustrações de Juan Palomino e tradução de Márcia Leite. Editora Pulo do Gato.

Na pequena cidade de Palanque, quase ninguém sabia ler. Escrever, então, ainda mais difícil.

Figura 6 – O povoado de Palanque



Fonte: (PULO DO GATO, 2020)

Uma das exceções era o senhor Veloso, o comerciante do lugar. Os devedores tinham o nome escrito com giz na parede, com a devida quantia a pagar ao lado. Curiosa, uma menina pede a ajuda de Veloso para aprender a ler – em troca, deveria doar parte de seu tempo para estar no mercadinho, ensacando produtos. A motivação da menina era saber o que a irmã recebia nas cartas de Miguel. Assim, ela foi aprendendo. Começou com os nomes dos devedores estampados na parede: “Veja, aqui está o nome de sua mãe: JOSEFINA. Me mostre, onde está a letra “A”?” (VASCO, 2016, p. 22), dizia Veloso. A partir dos nomes, as letras passaram a ser compreendidas. Passaram a fazer sentido para a menina – antes, as letras pareciam fazer parte de um mundo em que ela não estava inserida. As letras estavam no jornal que embalava o peixe e era essa a utilidade dos papéis que tinham texto e chegavam à casa da menina.

Conforme ia aprendendo, a menina compartilhava com a irmã os novos conhecimentos. Do jeito que estava sendo ensinada por Veloso, replicava em sua casa. Sentavam-se no chão e com carvão escreviam palavras do universo de Palanque: o nome dos moradores de lá, a CASA, a PLANTA, o CÃO... No fim do ano, as irmãs já sabiam ler! A irmã não ficou nada contente com a última carta que recebeu de Miguel – mas isso pouco importava. Na festa de Natal, Veloso presenteou a menina com um livro de contos. Ela leu em voz alta para os habitantes do povoado e sentiu-se plena.

Quem nos conta essa história não é mais menina, tornou-se mulher. Tem um filho e dá a ele o que ela por muito tempo não teve: aproximação significativa com o mundo das letras, possibilidade de escrever contos, acesso à alfabetização. “Desde então, meu filho, eu nunca mais deixei de ler para mim mesma... e também para todo mundo” (VASCO, 2016, p. 32).

A maneira como a menina foi alfabetizada por Veloso – e como ela alfabetizou a irmã – não nos faz lembrar de Paulo Freire? A editora *Pulo do Gato*, inclusive, escreve que, com esse livro, está homenageando “Freire e a todos que, como ele, acreditam que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que ler e escrever é um direito”. A decodificação da palavra escrita se deu através da realidade dos moradores de Palanque. Do comércio que movimentava o lugar, da cultura e do dia-a-dia. Das coisas que os cercavam. É um daqueles livros que você lê com um sorriso de esperança.

Sete. Pipo e Fifi: ensinando proteção contra violência sexual (2018), de Caroline Arcari, com ilustrações de Isabela Santos. Editora Caqui.

Pipo e Fifi são monstrinhos. Juntos, nos convidam a aprender sobre as partes do nosso corpo. “Crianças e monstrinhos são assim quando estão peladinhos” (ARCARI, 2018, não paginado): Fifi toma banho, Pipo está escolhendo uma cueca para vestir. As meninas e a Fifi, todas com pepeca. Os meninos e o Pipo, todos com pipi. Na página seguinte, os monstrinhos convidam o leitor a fazer um desenho do seu próprio corpo, com pipi ou pepeca. Depois, nos mostram as partes íntimas do nosso corpo: mamilos/peitinhos, bumbum/popô, pepeca/vulva ou pipi/pênis.

A partir daí, uma série de situações surgem. Fifi nos mostra o “SIM”, *isso pode*, como “dar as mãos a um adulto conhecido para a rua atravessar” ou “numa festa, ao som de uma música legal, de mãos dadas dançar” (ARCARI, 2018, não paginado). Pipo nos mostra o “NÃO”, *isso não pode*, como “carinhos em segredo nunca devem acontecer” ou “encostar nas suas partes íntimas? Não – Você deve dizer” (ARCARI, 2018, não paginado). Por fim, mais um desenho: dessa vez, a figura de uma pessoa na qual você confia.

Figura 7 – Pipo e Fifi



Fonte: (AMAZON, 2018?)

Esse livro não tem uma narrativa, uma sequência cronológica que tenha início, meio e fim, uma história propriamente dita. Mas não se destina a isso e não deixa dúvidas quanto à função que possui – a de dar ferramentas às crianças para se protegerem contra a violência sexual. E é por isso que aparece nesta lista. Conceitos básicos sobre o nosso corpo são apresentados, diferenciando o toque consentido do toque abusivo. Em meio à repulsa de levar para a escola educação sexual, Pipo e Fifi são ainda mais necessários. São uma forma de defesa à integridade física e emocional da criança. É um livro didático, que, apesar de se afastar da leitura literária, transgredir por tratar de um assunto ainda considerado tabu. Pode ser considerado um livro informativo, que se aproveita do lúdico para fazer com que os direitos das crianças sejam por elas reconhecidos. A mediação do livro, através da leitura compartilhada, é fundamental para alcançar o que se pretende.

Oito. Não me toca, seu boboca! (2017), de Andrea Viviana Taubman, com ilustrações de Thais Linhares. Editora Aletria.

Ritoca, uma coelha, tem uma história para nos contar. Aconteceu com ela, e ela quer nos alertar. Alguns meses antes, um novo vizinho apareceu. Passava bastante tempo no parquinho, lugar das brincadeiras das crianças do lugar. Certo dia, esse misterioso morador, mas aparentemente muito bonzinho, ofereceu figurinhas para Ritoca e seu amigo. “Pode me chamar de Tio Pipoca” (TAUBMAN, 2017, p. 9), disse. Falou que não tinha família, se sentia só; falou que gostava de videogame e futebol de botão, adorava brincar. Depois, convidou os pequenos que frequentavam o parque para um lanche e para brincadeiras... Na casa dele. A condição para isso? Não contar para ninguém. Todos com ele foram. Quando Ritoca e Pipoca sozinhos ficaram, o abuso começou.

Figura 8 – A verdadeira face de Pipoca



Fonte: Própria (2020)

Tocou na orelha “para ver o brinco”. Olhou de perto a boca para “ver se faltava dente”. Acariciou o pescoço para “ver o pingente pendurado na corrente” (TAUBMAN, 2017, p. 18). Mas Ritoca percebeu que algo estava errado: “Se for de um jeito **suspeito**, **ninguém** deve tocar na gente!” (TAUBMAN, 2017, p. 21, grifos da autora). Gritou: NÃO ME TOCA, SEU BOBOCA! Correu o mais rápido que pôde – os amigos a acompanharam, também assustados. Depois do ocorrido, Ritoca passou a contar sua história para outros animaizinhos, assim como faz conosco neste livro.

Encerrada a narrativa, o livro, ainda na narração de Ritoca, ilustra situações de abuso sexual contra as crianças, personificadas nos animais. Se, em *Pipo e Fifi*, há a presença evidente do didatismo, em Ritoca temos uma história mais elaborada: o primeiro destina-se à criança que está iniciando o contato com o livro (e provavelmente só com esses funcionará); o segundo possui um enredo e pode ser trabalhado mais amplamente, independente de idade. De qualquer forma, os dois parecem se completar, pois reforçam o coro do respeito aos direitos da criança. Livros importantíssimos para fortalecer a proteção e desmistificar o corpo e a educação sexual como tabus.

Nove. O menino perfeito (2017), de Bernat Cormand, com tradução de Dani Gutfreund. Livros da Matriz.

Acompanhamos o dia de Daniel, desde o início da manhã. Daniel acorda, coloca o uniforme, faz o nó na gravata sem a ajuda de ninguém. Na escola, senta na frente e presta atenção no professor. Um menino perfeito. Antes do almoço, ajuda a mãe, preparando a mesa. Faz a tarefa e depois passeia com o cachorro. Um menino perfeito. Vai à aula de piano. Volta

para casa e lê seu livro favorito. É um menino perfeito. Já deitado na cama, quando pai, mãe e cachorro já estão dormindo, descobrimos um segredo de Daniel: à noite, o menino perfeito se transforma.

Figura 9 – A transformação



Fonte: Própria (2020)

O texto é simples e sensível; as ilustrações são impactantes. A paleta de cores utilizada é pálida, pouco viva. Junto com a escolha de cores, a expressão facial criada por Bernat Cormand é marcante: quando Daniel está arrumando a gravata, seu rosto está melancólico e vazio; na escola, rosto intransponível; durante o almoço, cabisbaixo e triste. E segue assim, sem nenhum sorriso, sem nenhuma expressão que demonstre algo diferente da escassez de sensações positivas. Rosto que pouco mostra, mas muito nos diz: há insatisfação, algo incomoda Daniel. Talvez, não *algo*. Mas *tudo*.

A libertação ocorre apenas quando ninguém está vendo. Daniel sente-se completo somente em seu particular, quando as roupas que não são suas passam a representar de verdade quem ele é. Livro que emociona. Livro que é a cara da resistência. É a cara da transgressão, estampada em Daniel, que antes de nos contar seu segredo, sorri. Transgride. Nos toca. Nós, adultos, podemos até entrar em desconforto em meio à emoção. As crianças vão seguir caminho diferente. Podem num primeiro momento levar a transformação do menino perfeito como uma brincadeira de faz-de-conta. A naturalidade não é coisa de adulto – a gente é mais dos julgamentos infundados, das maldades do pensamento, das convenções que matam e destroem sonhos e pessoas. Temos tanto a aprender com elas...

Obra necessária. Obra maravilhosa. Literatura pura, onde texto e imagem constroem o ambiente do devaneio e da reflexão.

Dez. Pode pegar! (2017), de Janaína Tokitaka. Boitatá.

Um coelhinho quer uma maçã. Ele só precisa subir em algo um pouquinho maior para alcançar. Quem o ajuda? Uma coelhinha, que está usando salto alto. O par de saltos é perfeito para crescer uns centímetros. Assim, o coelho consegue a maçã.

A coelhinha quer atravessar o riacho. Quem a ajuda? O coelho, que dá a ela seu par de sapatos, que parecem propícios para a passagem em meio à água.

Assim, o coelho, que veste sapato social, calças, jaqueta azul e gravata, compartilha suas vestimentas com a coelha, que por sua vez veste saia e camisa rosas e salto alto. A coelha também compartilha o que usa. Se, em alguma brincadeira, precisam “voar que nem um super-herói”, a saia da coelha é perfeita para servir de asa! Para saltar pelas grandes montanhas, as calças do coelho são perfeitas (elasticidade, conforto e muito mais numa só peça)!

Figura 10 – Pode pegar!



Fonte: (BOITEMPO, 2017)

É dessa maneira que o livro de Tokitaka apresenta sutil e delicadamente os papéis de gênero que construímos, onde existe roupa para menino e roupa para menina. É na troca de roupas dos coelhos que os estereótipos são desconstruídos – pelo menos no adulto, já que na criança pequena os padrões sociais ainda não estão completamente formados. Se chegamos em uma certa idade diferenciando roupa pela cor, é por causa das convenções sociais e preconceitos que são implantados no pensar e agir da nossa cultura. Os coelhos da história são as crianças, quando ainda não afetadas e manipuladas pelos padrões. Dar espaço e liberdade para a criança construir sua identidade é respeitá-la como um sujeito que possui direitos – e *Pode pegar!* é uma boa leitura para fortalecer isso.

Onze. Super (2017), de Jean-claude Alphen. Pulo do Gato.

É manhã, e o papai se despede para ir ao trabalho. Ele é um super pai! A mamãe também vai trabalhar, mas, antes disso, deixa o menino na escola.

Figura 11 – O super papai vai trabalhar (e a mamãe também)



Fonte: (PULO DO GATO, 2020)

Quando chega a noite, o super papai retorna (e a mamãe também)! Às vezes, ele vê televisão com o menino (enquanto a mamãe prepara a pipoca). Às vezes, ele chega em casa acompanhado de seus colegas, todos também super (mesmo quando a mamãe está exausta). Às vezes (quando a mamãe não pode ir), ele vai à reunião dos responsáveis. Um dia, ele fez até uma surpresa para o menino, o buscando na hora da saída (nos outros dias, é mamãe quem faz isso). E foi além: almoçou em casa, junto com a família (normalmente, é só a mamãe que acompanha o menino na mesa do almoço), mandou o menino tomar banho (normalmente, a mamãe dá banho nele) e ainda leu o livro favorito do filho (normalmente, é a mamãe quem lê histórias para o menino antes de dormir)! Naquele dia, o super papai fez tanta coisa que ficou cansado (e a mamãe também).

Teve um dia que o super papai acordou doente. Assim, a mamãe foi trabalhar e ele não. Heróis ficam doentes? Ficam sem fantasia? Ficam em casa o dia inteiro? O que sabemos é que a mamãe não buscou mais o menino na escola (o papai ficou fazendo isso). A mamãe não almoçou mais com o menino (o papai, sim). A mamãe não foi mais à reunião (o papai, sim). Numa noite sem sono, o menino, ao ver uma fantasia feminina jogada na cadeira, descobriu um segredo: a mamãe também era super!

O livro é todo contado pelo ponto de vista da criança, que enxerga de diferentes maneiras o pai e a mãe. Ela, enquanto se desdobra diariamente para atender aos anseios do menino e manter a ordem familiar, está sempre presente (mesmo trabalhando fora), dando a sensação de normalidade ao filho. Com o pai doente, a rotina familiar muda e os papéis se

invertem. A figura do pai que sai para trabalhar se desconstrói e a figura materna se reconstrói. Há de se destacar o projeto gráfico do livro: o pai, quando visto como herói, é proporcionalmente maior que a mãe e a criança, comuns; a mãe, quando torna-se na visão do menino uma heroína, ganha a mesma imensidão. Além disso, a fonte segue o mesmo padrão: maior em algumas frases, menor e pálida em outras, passando a sensação de que realmente estamos inseridos na mente da criança, que vê o mundo com olhos próprios. Uma super integração de texto e imagem criada por Jean-claude Alphen!

Doze. O vovô consertador (2016), de Mariana Boiteux de Almeida, com ilustrações de Mila Scramignon. Chiado Editora.

Ciclo da vida. Nascemos, somos crianças, aprendemos coisas, estabelecemos relações afetivas, vamos crescendo... Nesse ínterim, perdemos coisas e... pessoas. É da perda que trata o livro. Um vovô muito esperto, criativo que só ele, sabia consertar o que estivesse “quebrado, entortado, pifado, espatifado” (ALMEIDA, 2016, p. 4)... Tudo para o vovô tinha solução! Cheio de netos, ele era adorado por suas construções. O mais novo começou a seguir os passos do avô, que já estava cansado (de trabalhar, decerto, mas de, num sentido poético, viver, pois o ciclo já estava completo).

Certo dia, a casa acordou em silêncio: o luto imperava, pois o vovô tão amado “não estava aparecendo” (ALMEIDA, 2016, p. 14). O pai contou ao menino que “o vovô fora descansar / Partira em uma longa viagem / Sem prazo para voltar” (ALMEIDA, 2016, p. 18). O menino saiu correndo, sentindo dores no peito. Chorou por dias na cama, sem acreditar na partida sabe-se lá para onde do vovô (negação da partida, um dos estágios do luto²⁴). Não se conformou e não entendeu a dor que sentia. Buscando consertá-la, foi atrás das ferramentas do vovô pra ver se tinha alguma forma... Mas consertar a dor do peito ele não sabia (o vovô não ensinou o menino a consertar essa dor!).

Figura 12 – Como consertar a dor no coração?



Fonte: Própria (2020)

²⁴ Trata-se do Modelo de Elisabeth Kübler-Ross (1926 – 2004), que estabeleceu a negação como primeiro estágio de uma perda. Os estágios seguintes são: a raiva, a negociação/barganha, a depressão e a aceitação do ocorrido.

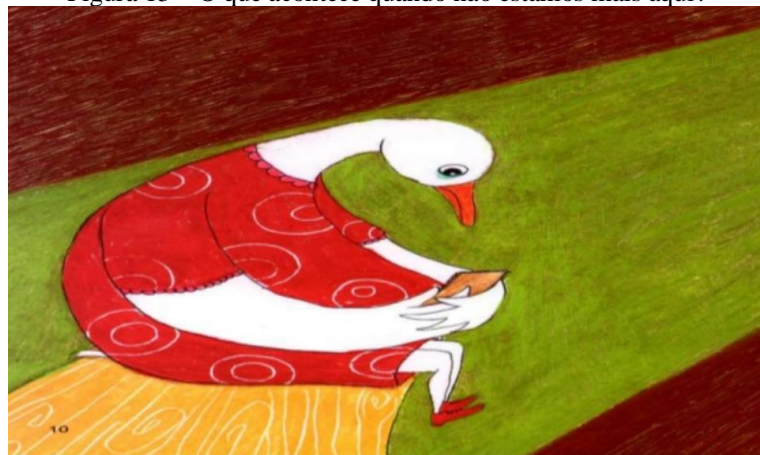
O ciclo do menino também foi acontecendo: ele foi crescendo, mas sempre com a tal dor, sempre com a presença do vovô no peito. Construiu família, teve dois filhos – e, com eles, finalmente, o entendimento da viagem que fazemos (a mesma viagem que o vovô fez e que todos nós vamos fazer). A dor deu lugar a uma nova sensação, que passa pelo enaltecimento, pelo não esquecimento dos momentos que o levaram até ali como pessoa, pela inspiração que era e é o vovô. O amor fica, apesar da partida.

O texto é incrível, feito em poesia, com rimas que dão musicalidade à leitura – essa delicadeza para tratar da dor saudade, da dor morte, da dor distância, é o que faz desse livro um lugar em que as crianças e os adultos podem repousar na ficção para emergir na realidade, que é de perdas, mas também de amor e boas conexões²⁵, como nos mostra o menino e o vovô.

Treze. A preciosa pergunta da pata (2009), de Leen Van Den Berg, com ilustrações de Ann Ingelbeen e tradução de Vânia Maria Araujo de Lange. Brinque-Book.

Uma reunião anual acontece entre os animais (e dois ou três humanos também). A cada ano, um novo tema, algo a ser discutido. Neste ano, tudo pronto: a tartaruga, já com bastante idade e, por isso, experiente, toma a palavra e diz que o encontro será para desvendar os mistérios das perguntas difíceis. Juntos, vão buscar respostas. A primeira pergunta vem da pata. Uma pergunta preciosa: “eu gostaria de saber o que acontece quando não estamos mais aqui. Quero dizer, quando morremos” (VAN DEN BERG, 2009, p. 11).

Figura 13 – O que acontece quando não estamos mais aqui?



Fonte: (BATISTA, 2013)

²⁵ Aqui em casa... O Vini pediu que o livro fosse lido novamente, dessa vez também com o avô (Sérgio, o papai). Disse que estamos longe da morte, pois não somos velhos e nem temos cabelos brancos. Além disso, falou que vai sentir saudade quando “for pra outra casa”, processo que ocorrerá no próximo ano. A perda não será na morte, mas na distância por não morar mais na mesma casa. É incrível a potência dos livros: nossas sinapses devem esquentar de tantas conexões que realizamos durante e após a leitura.

A pata havia perdido um patinho, enquanto faziam o primeiro nado juntos. A primeira resposta foi o silêncio, que habitou em todos os animais e coisas. Depois, começaram: o ratinho acredita que vai se tornar um elefante; o elefante crê que após a sua morte um rato ele se tornará. A formiga vê com bons olhos sua partida, pois não precisará mais trabalhar. Assim, de um em um, todos vão respondendo. As respostas se expandem e chegam ao mar, à nuvem, à maçã, ao Sol... Uma senhora diz que se tornará uma estrela de verdade. E é olhando para as estrelas que a pata começa a se dar respostas: elas formam, ao menos na imaginação da pata, a imagem do patinho.

As respostas dos participantes dão leveza ao assunto. Ajudam a pata a lidar com o luto tão recente, da mesma maneira que podem atenuar as dúvidas das crianças leitoras sobre a morte: não que o livro dará respostas, pois nem temos resposta exata para a morte; mas poderá amortecer o impacto do brilhantismo da vida quando em contraste com a perda, seja ela do patinho ou de alguém próximo. De um brinquedo que se perde ou de um animal que se vai. Atenuar dores através da ficção: os livros para criança são úteis também para isso.

Catorze. O passeio (2017), de Pablo Lugones, com ilustrações de Alexandre Rampazo. Gato Leitor.

Passear de bicicleta é sempre gostoso. Acompanhado de alguém especial, melhor ainda. Pai e filha estão neste passeio: ela, ainda criança, só teve tempo de ouvir um encorajador “preparada, filha?” (LUGONES, 2017, não paginado) antes de ser empurrada para frente. Ali, aprendeu a andar de bicicleta sem a rodinha traseira. Começa, então, o passeio dos dois: a menina está um pouco a frente, mas o pai se esforça para alcançá-la. Foi que foi, até que ultrapassou a (agora não mais) garotinha.

Pedaladas... No pai, cabelos brancos já dão o ar da graça, assim como a calvície tão temida... Na filha, a juventude, com os cabelos ao vento.

Mais pedaladas... A filha, em transição para a fase adulta, volta a estar na dianteira, em busca de “novas descobertas, sem medo de cair” (LUGONES, 2017, não paginado). O pai, em transição acelerada para a velhice, continua passeando.

Mais pedaladas... O pai ultrapassa a filha novamente. Ela agora é adulta. Ele, um senhor de idade, mas com disposição e vigor para continuar o passeio.

Veza ou outra, a distância entre um e outro aumentava, mas era só desacelerar, passear no mesmo ritmo e observar a paisagem que tudo se alinhava. O pai, bem velhinho, pedalava feito criança: livre, leve e solto, apenas curtindo a passagem... Até ela acabar.

Mas acaba para ele. Para ela, um mundo de descobertas ainda existe. A tristeza da solidão dá lugar à motivação: ela inicia então um novo passeio, dessa vez com o seu filho,

relembrando dos momentos que teve com o pai desde aquele empurrãozinho crucial para viver a vida em um passeio de bicicleta. *Delicado, poético e humano* definem a obra de Lugones e Rampazo.

Figura 14 – O passeio

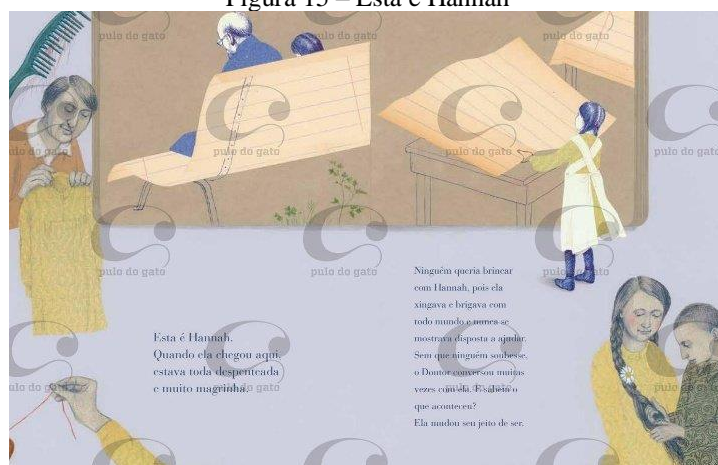


Fonte: (GATO LEITOR, 2019?)

Quinze. Diário de Blumka (2017), de Iwona Chmielewska, com tradução de João Guimarães. Pulo do Gato.

Blumka é uma criança que viveu na cidade de Varsóvia, capital da Polônia. Ela e mais outras 199 crianças ficavam sob os cuidados do Dr. Korczak, num orfanato. Foi lá que escreveu o seu diário, recheado de fotografias e descrições acerca dos moradores que lá habitavam e conviviam, destacando suas rotinas, gostos, necessidades...

Figura 15 – Esta é Hannah



Fonte: (PULO DO GATO, 2020)

Hannah chegou ao orfanato e precisou conversar várias vezes com Korczak, pois não se relacionava bem com ninguém. Zygmus trabalhava na cozinha e, com o dinheiro obtido,

comprou um peixe no mercado e o liberou no mar – por conta disso, foi até condecorado por Korczak, com um cartão-postal. Reginka é quem mais lia livros entre todos do grande grupo de crianças – à noite, contava aos outros o que havia lido durante o dia. Pedrinha (ninguém sabia o nome verdadeiro dele), de cinco anos, ajudou a retirar o carvão da carroça usando seu penico – ato que foi elogiado por todos. Abramek, o marceneiro da turma, esculpiu na madeira um coração e o entregou à Hahhah. Pola, durante um experimento com plantaço, fez o improvável: colocou uma ervilha dentro de seu ouvido – depois de alguns dias, Korczak conseguiu retirá-la de lá; para surpresa de todos, a ervilha de Pola foi a que mais cresceu. Chaim foi levado ao tribunal das crianças por ter destruído um formigueiro – felizmente, foi absolvido por ter chorado durante o julgamento, e até recebeu um carinho de Korczak. Zymek, Stasiek, Riwka, Aron, Blumka... Muitas crianças, muitas histórias.

O Dr. Korczak também recebeu os escritos de Blumka: ele “sempre nos fala que toda criança tem o direito de guardar para si mesma todos os seus sonhos e os seus segredos” e que “a verdade sempre deve ser contada para as crianças” (CHMIELEWSKA, 2017, p. 40-41). Aos sábados, Korczak reunia crianças e professores do orfanato para uma assembleia, que daria luz a um jornal. As crianças que rezavam poderiam professar sua fé como bem entendessem, sem obrigações e padrões. “O Doutor nos ensinou que as meninas e os meninos têm os mesmos direitos e podem fazer as mesmas coisas” (CHMIELEWSKA, 2017, p. 47). Anualmente, Korczak e as crianças se divertiam num acampamento de verão.

“O Doutor gosta de repetir que somos tão importantes quanto os adultos, e que ser criança não significa ser *menos inteligente* ou *pior*” (CHMIELEWSKA, 2017, p. 49, grifos da autora). Ele compartilhava o amor às crianças e aos animais; criava sentimento de justiça, igualdade de direitos, estímulo à leitura e liberdade para pular, bagunçar e fazer barulho... A descrição de Blumka é interrompida, o diário chega ao fim. E chega ao fim por conta da Guerra.

Livro emocionante e vivo, especialmente para quem está no campo da educação.

O diário construído por Blumka, personagem de Chmielewska, narra algumas infâncias que eram vividas num orfanato polonês. O livro ora pisa na ficção, ora passa pela realidade. O Doutor Korczak (1878 – 1942) realmente existiu. Ele acolheu diversas crianças desde 1911, passando pela Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), até parte da Segunda (1939 – 1945), dando dignidade e respeito a elas, que tanto sofreram pelo abandono, pela morte, pela ausência, pela fome, pelo sangue, pela infância roubada. Korczak aparece em direção contrária na história dessas crianças, por possibilitar novas infâncias. Janusz Korczak

é inspiração para quem ama o ser criança, para quem pensa em escolas e espaços democráticos cerceados pela participação de todos. Para educadores que trabalham com amor.

O triste fim se deu com a invasão de tropas nazistas, que levaram as crianças e funcionários do orfanato para um campo de concentração. Korczak e a professora Stefania (no livro, inspiração de Blumka para uma futura profissão) os acompanharam (mesmo podendo ser excluídos da deportação), numa marcha fúnebre rumo à morte e à eternidade nos anais da existência humana (MORASHÁ, 2008).

Dezesseis. A pior senhora do mundo (2016), de Francisco Hinojosa, com ilustrações de Rafael Barajas (El Fisgón) e tradução de J. R. Penteado. SESI-SP editora.

Imagina você ter nascido no norte de Turambul, lugar onde vivia a pior senhora do mundo... Que azar! Os moradores da região sofriam diariamente com a velha, que era (atenção às palavras escolhidas pelo autor!) “gorda como um hipopótamo, fumava charuto e tinha dois caninos pontiagudos e brilhantes” (HINOJOSA, 2016, p. 5). Com humor escrachado, totalmente incorreto, o livro é muito divertido, muito por conta das ilustrações maravilhosas e cheias de detalhes *del Fisgón*.

Figura 16 – A pior senhora do mundo beliscando o filho mais velho



Fonte: Própria (2020)

Imagina você ser um dos cinco filhos da pior senhora do mundo... Ela iria bater em você quando sua nota fosse baixa – e também iria lhe dar belas palmadas e bofetões se você tirasse dez. Seu café da manhã seria comida de cachorro. Suco de limão cairia em seus olhos

quando você fizesse bagunça por aí – e também quando lavasse os pratos. Não era só dentro de casa que o terror ocorria: todo o bairro morria de medo dessa mulher, de pessoas a animais. Era tanta maldade que todos acabaram fugindo da cidade!

Depois de um tempo, ela tramou um jeito de todos voltarem: pediu perdão e deixou que todos os habitantes pisassem-na ou arranhassem-na. Tudo resolvido? Nada! Numa noite qualquer, ela trancou todos na cidade, construindo um muro gigantesco em volta da cidade. E tudo piorou: a pior senhora do mundo ficou ainda pior! Tapas, mordidas, charuto no umbigo (!), carne podre para os animais... Toda a população fez uma espécie de assembleia para criar um plano que parasse aquela terrível situação. Decidiram enganar a mulher. “Quando ela nos bater, vamos agradecer. Se nos morder a orelha, pedimos que faça novamente. Se nos arranhar, dizemos a ela que não há nada mais gostoso na vida” (HINOJOSA, 2016, p. 40), disse um velhinho. E deu certo: os habitantes agradeciam as maldades que sofriam e reclamavam das bondades que começaram a surgir, enganando-a. Pouco a pouco, a mulher passou a fazer “as melhores coisas ruins do mundo enquanto o povo se divertia livremente com seus enganos” (HINOJOSA, 2016, p. 60).

Se buscamos diversidade de temas, de projetos gráficos, de editoras, de modos de rir da vida, com certeza a pior senhora do mundo é bem-vinda. É um livro-ilustrado de ótima qualidade literária. É leitura que estará presente em uma de minhas futuras rodas com crianças de alguma escola de qualquer lugar do mundo, menos de Turambul.

Dezessete. Dois passarinhos (2015), de Dipacho. Pulo do Gato.

Figura 17 – Dois passarinhos



Fonte: (TRAVESSA, 2015?)

O tronco de uma árvore separa dois passarinhos. Eis que, de repente, o pássaro branco sai de um dos galhos e retorna com uma espécie de abajur, posicionando-o no seu lado da árvore. Sentindo-se desafiado, o passarinho preto tratou logo de voar para algum lugar e trazer para os seus galhos um livro. Aí começou a confusão: os dois partiram várias e várias vezes

sabe-se lá para onde para buscar mais e mais coisas. Um vaso sanitário, uma televisão. Bola, pia, garrafa, gravata, violão, bicicleta, xícara... E a árvore enchendo... Cada vez menos espaço para eles; cada vez mais coisas em cima dos galhos da árvore.

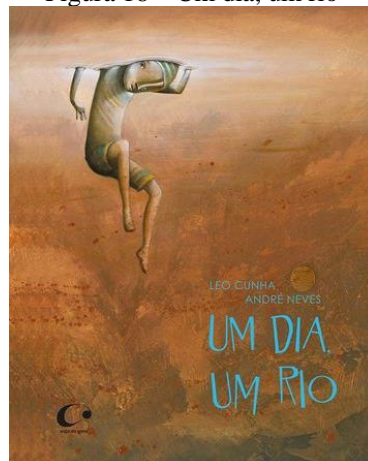
Já que tinham tanta coisa, resolveram fazer uso dos objetos que lá estavam. Era pássaro de peruca para o lado de cá, era pássaro posicionando cabides do lado de lá... Mas não pararam: foram acumulando ainda mais coisas. Mais e mais e mais e mais. Poluição visual total. Tanto peso nos galhinhos que, para o desfecho da história dos passarinhos, acabaram quebrando, fazendo com que todos os objetos – e os dois animais – despencassem ao chão. No fim, só restou a árvore, sem folhas e sem galhos.

Sem texto escrito, a história é contada pelas imagens. O livro-álbum de *Dispacho* pode ser um convite à reflexão sobre o consumismo desenfreado e impensado que vivemos. Acumulamos coisas sem necessidade. Além disso, entramos em competições que muito agriem, pouco valem em questão de crescimento pessoal. De pouco adianta ter o ego amaciado quando estamos nos afundando num vazio, e os passarinhos se afundaram num vazio. Podemos aprender com eles.

Dezoito. Um dia, um rio (2016), de Leo Cunha, com ilustrações de André Neves. Pulo do Gato.

Que bom seria se pudéssemos ouvir o que a natureza tem a nos dizer... O que nos contariam as árvores, que são jogadas ao chão? Os animais, que fogem em busca de um novo abrigo? Os rios, que banham a vida e, em troca, recebem a sua morte? É dando voz ao Rio Doce, transformando-o num menino, que Leo Cunha e André Neves denunciam de maneira poética uma catástrofe ambiental brasileira que ocorreu em 2015, com o rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais.

Figura 18 – Um dia, um rio



Fonte: (PULO DO GATO, 2020)

No início do livro, conhecemos o que era o Rio: um dançarino que conduzia a água, alegrando aqueles que se deixavam levar pelo vai e vem da correnteza. Árvores que nele se refrescavam, populações que dele tiravam alívio, diferentes culturas que indiretamente se conectavam por ele... Era um Rio. Depois, conhecemos o que se tornou o Rio: um depósito de lama, onde uma espécie de homem-máquina despeja nele o silêncio. Tudo fica marrom. A cor dos peixes e dos povos já não existe. “Eu era doce, / hoje sou amargo” (CUNHA, 2016, não paginado). Por fim, sentimos a esperança do Rio em algum dia ser, novamente, o Rio. A natureza já mostrou seu poder de reinvenção, e é nisso que o Rio se agarra. Reinventar-se em meio à lama. Renascer.

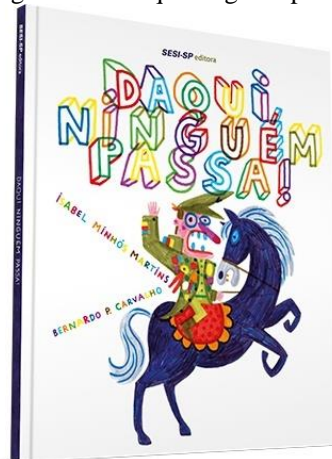
As ilustrações são fortíssimas. O texto poético tem poder de alcançar a criança, mesmo num contexto tão complexo. O final reforça a ideia de que manter a esperança em meio ao caos é o melhor combustível para manter-se vivo.

Dezenove. Daqui ninguém passa (2016), de Isabel Minhós Martins, com ilustrações de Bernardo P. Carvalho. SESI-SP editora.

A mando do general, um guarda recebe a missão de não deixar ninguém passar para o outro lado da página, que está inabitada, toda em branco. Um homem desavisado anda em direção ao outro lado quando, num grito do guarda, é surpreendido. “Não é permitido passar para a página da direita” (MARTINS, 2016, não paginado), diz. Outras pessoas vão chegando na página esquerda, encucados com a proibição. Mas o guarda é leal às ordens do general, que quer “entrar na história sempre que lhe apetecer” (MARTINS, 2016, não paginado). Um espaço só para ele, onde ninguém tem o direito de pôr os pés. Um monte de gente chega e enche a página esquerda. Mas ninguém passa! Até que...

Poing, poing, poing, poing... A bola de dois meninos passa para a página direita! De tanta insistência, o guarda deixa as crianças pegarem o brinquedo. E mais, deixa todos passarem! O problema surge quando o general aparece: “Mas que confusão é esta?” (MARTINS, 2016, não paginado), aos berros. Ele manda prender o guarda, que é prontamente defendido por todos que passaram para o outro lado. O guarda tornou-se herói por aquelas terras. A população, furiosa com o general, sente-se parte da história por completo, por estarem em qualquer canto da página do livro. Até os guardas que acompanhavam o general se rebelam e acompanham as personagens num coro de *viva o senhor guarda!*

Figura 19 – Daqui ninguém passa!



Fonte: (SESI-SP EDITORA, 2016?)

Isabela Minhós Martins brinca com o leitor ao propor o livro não só como suporte do texto e da ilustração, mas como parte real da história. Ilustrado por Bernardo P. Carvalho, carrega um humor gostoso de ser visto, repleto de detalhes (cada personagem novo que surge na página esquerda conta uma história, sem necessariamente dizer nenhuma palavra). A transgressão ocorre dentro da narrativa, quando a população questiona-se sobre o motivo de não ter o direito de ir e vir. Ocorre também por abrir espaço para o tema do autoritarismo, utilizando-se da ficção para introduzir um tema complexo.

Vinte. A rainha das rãs não pode molhar os pés (2015), de Davide Cali, com ilustrações de Marco Somà e tradução de Miguel Gouveia. Pulo do Gato.

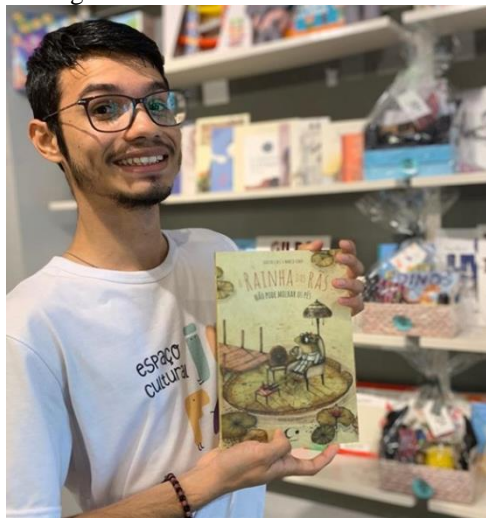
Era uma vez um lago, e nesse lago havia rãs. Essas rãs faziam coisas de rãs, ou seja, pulavam de lá pra cá, comiam moscas num esticar de línguas, brincavam entre si e com as libélulas. Numa noite qualquer, enquanto cantarolavam sob a luz do luar, um objeto estranho caiu no lago. Agitadas e curiosas, as rãs prontamente pularam na água para desvendar esse mistério. Eis que uma rã sortuda consegue capturar *aquilo*. Era pequeno e brilhante. Seu tamanho era perfeito para pôr na cabeça. Era uma coroa! Aquela rã agora era uma rainha!

Ninguém ali sabia ao certo o que fazia uma rainha, mas todos concordaram que agora tinham uma. Palmas para a rainha! Clap, clap, clap! Viva a rainha! Clap, clap, clap! Uma rainha tem conselheiros, então a rainha das rãs também passou a ter os seus. Regras começaram a imperar no lago: a rainha não podia falar com as outras rãs, não podia mais molhar os pés e devia ter uma folha espaçosa só para ela. Não podia ficar cansada, tinha direito de dormir muito, comer as melhores moscas, dar ordens e castigar quem não a obedecesse. Alguns até questionaram as novas regras, mas de nada adiantou. A partir daí, tudo mudou: as rãs tinham tanto trabalho que nem cantavam mais durante a noite.

Num dia de saltos acrobáticos no lago, desafiaram a rainha a pular também. Ela, querendo mostrar que era a melhor em tudo, aceitou. E pulou. E mergulhou. E emergiu. Sem a coroa. Sem a magnificência de ser uma rainha. Havia acabado o reinado (e até chuva de lama a antiga rainha levou). Não deu nem tempo das rãs começarem a procurar a coroa: um homem no lago apareceu, capturando o objeto com as mãos. No final de tudo, o lago voltou a ser um lago comum para as rãs. O homem, por sua vez, usou aquele objeto brilhante para dar à mulher amada – sim, era um anel.

O livro de Davide Cale brinca com o sentimento de liberdade, onde a passividade das rãs, somada à alienação, as priva da vida comum – e boa - que sempre tiveram. É um livro que mostra quão importante é questionar o que nos cerca e abre espaço para boas reflexões acerca das relações de poder.

Figura 20 – A rainha desfocada e... eu



Fonte: Própria (2019)

Vinte e um. Se os tubarões fossem homens (2018), de Bertolt Brecht, com ilustrações de Nelson Cruz e tradução de Christine Röhrig. Edições Olho de Vidro.

Uma criança pergunta ao senhor K.: se os tubarões fossem homens, eles seriam mais gentis com os peixes? A partir daí, entramos numa fábula moderna que mostra um cenário distópico, em que os tubarões estão humanizados e “civilizam” o mar. Se os tubarões fossem homens, segundo o senhor K., os peixes ganhariam grandiosas gaiolas para servir de moradia, com variedade de alimentos, água fresca e higienização do ambiente. Para os peixes machucados, os tubarões fariam um curativo para que eles sobrevivessem. Para o entretenimento dos peixes, gloriosas festas aquáticas. Para a educação dos peixes, escolas dentro das gaiolas. “Nessas escolas os peixinhos aprenderiam como nadar para dentro da boca

dos tubarões” (BRECHT, 2018, não paginado). Para a Arte, lindos quadros (das bocas dos tubarões), teatro de valentes peixes (que nadariam em direção à boca dos tubarões) e músicas tão boas que suas melodias carregariam os peixes (para a boca dos tubarões). A formação moral seria fundamental para os peixes, pois era uma atitude grandiosa sacrificar-se com alegria, além de acreditar nos tubarões, obedecendo-os (ora, eles sabiam cuidar dos peixes). Os peixes deveriam ser contra o egoísmo, o materialismo e o marxismo – era importante denunciar aos tubarões aquele peixe que, por ventura, seguisse alguma dessas tendências. Certamente guerras existiriam entre os próprios tubarões (mas os guerreiros seriam os peixes), visando conquistar novas gaiolas e peixes estrangeiros. Aquele que matasse o peixe inimigo, até condecorado seria. Para exercício da fé, uma religião (que ensinaria que a vida dos peixes só começa na barriga dos tubarões). Existiria também uma hierarquia entre os próprios peixes: uns poderiam até comer os outros (assim, os tubarões conseguiriam comer um peixe mais robusto de carne)!

Figura 21 – Se os tubarões fossem homens



Fonte: (OLHO DE VIDRO, 2018?)

As rãs do livro de Cali voltam à liberdade (em partes, pois o medo do homem que visita o lago ainda existe) quando a rainha perde a coroa; nas explicações do senhor K., os peixes viveriam em gaiolas grandes, quando comparadas ao tamanho deles, mas pequenas em comparação à imensidão do mar. A liberdade plena não existe no texto de Brecht, mas nas ilustrações de Nelson Cruz encontramos uma faísca de esperança em meio à prisão moderna criada pelos tubarões: em toda página, há um peixe vermelho, que está sempre nadando contra a corrente, aparentemente meio perdido, mas decerto inquieto, enquanto todos os outros não estão preenchidos de cor e realizam as mesmas ações. A criança que faz a pergunta inicial do texto veste vermelho, e parece estar nela (e nas demais crianças) um futuro melhor,

questionador, que foge do comum por contestá-lo. O peixe vermelho, contrastando com todos os tons azuis escuros, enriquece demais a leitura em conjunto de texto e imagem.

Além disso, em vários momentos as ilustrações provocam visualmente o que a ironia do texto tacitamente nos diz, criando novas interações com o livro a cada leitura – “a linearidade é uma característica do texto verbal, mas nem sempre das imagens. Forçar as imagens para entrar no mesmo molde que as palavras parece potencialmente improdutivo” (HUNT, 2010, p. 242). Livro belíssimo, tanto em seus aspectos de fruição quanto em seu potencial transgressor.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário momentâneo do Brasil, onde a guerra cultural é incentivada por governantes de diferentes instâncias do poder, coloca a literatura (também a infantil) em rota de tensão. Historicamente, ter o controle da mídia, da educação e da cultura é ter o poder de conduzir e regular os modos de pensar e agir de uma sociedade, de acordo com sua visão, mesmo sendo ela inverossímil ou deturpada. Por isso, as diversas formas de resistência são necessárias, e isso inclui a defesa da imprensa livre, da educação crítica e da cultura que convida à reflexão. Acontecimentos históricos alinhados ao autoritarismo, como o nazismo e o fascismo, por exemplo, atacam primeiramente o campo da cultura, limitando o acesso a esse bem humano em busca de uma verdade única, de uma revisão histórica.

É bem difícil vivermos a distopia de Fahrenheit 451²⁶, mas é mais que palpável a presença da censura a livros que, dentro da concepção autoritária, são transgressores, subversivos, imorais, degenerados, por simplesmente apresentarem assuntos “tabus”, como a diversidade. A repressão a obras ocorre sutilmente, às vezes oculta, às vezes visível. A atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos comemorou a “nova era”, onde “menino veste azul e menina veste rosa”; certa feita, o atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, quis retirar de circulação uma história em quadrinhos que, para desespero dele, tem um beijo gay; o atual presidente do país, Jair Bolsonaro, tem a luta contra a famigerada “ideologia de gênero” como uma de suas principais bandeiras. Nessa Alexandria moderna²⁷, a pluralidade é silenciada – a resistência é crucial.

Portanto, defender os livros infantis como território confiável de diálogo sobre temas complexos mostra-se pertinente em meio à realidade brasileira. Dito isso, a pesquisa realizada cumpre o seu papel ao debater transgressão social por meio da literatura infantil. Andruetto, Hunt e Bajour nos desafiam a dar novos sentidos à literatura pensada para as crianças, onde até a adjetivação do termo “literatura” é repensada. Assim, o aporte teórico aqui apresentado converge com a ideia de oferecer temas diversos e potentes para as crianças, detentoras de direitos e inseridas na sociedade.

Com o levantamento de livros infantis potencialmente transgressores, tornou-se possível perceber que diferentes leituras nacionais e internacionais estão sendo publicadas, principalmente com o avanço de pequenas editoras, que possuem maior abertura a temas que

²⁶ Referência ao clássico livro Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, que apresenta um mundo onde livros são expressamente proibidos e queimados (e quem os tem são considerados criminosos).

²⁷ Referência à lendária biblioteca de Alexandria, que reunia diversas obras da Antiguidade, mas ardeu em chamas, fazendo desaparecer em meio às cinzas uma parcela gigante da produção científica humana da época.

geram mais questionamentos do que respostas prontas e propiciam boas conversas, tanto para ressignificar a relação da criança leitora/ouvinte com o mundo como para contestar os conceitos pré-construídos sem fundamento lógico, que geralmente estão em nós, adultos, e não nas crianças. A cor da pele de Chico Juba, por exemplo, não será para a criança algo que confrontará padrões – será algo normal. E é normal: o que *desnormaliza* Chico Juba como protagonista de um livro é o histórico da sociedade – adulta – de racismo, eurocentrismo, desrespeito às diferenças...

Sobre os livros que falam direta ou indiretamente da morte, deixo a dica: é bom lê-los antes do acontecimento, pois poderão servir como amortecedores do impacto que é a perda de algo ou alguém. Os livros podem nos dar artifícios para lidar com a complexidade da vida, então cabe a nós, mediadores, o auxílio à criança na compreensão de suas percepções que serão geradas com a leitura.

Acima de tudo, os livros transgressores podem atizar o que muito nos falta atualmente: empatia. Empatia que nasce das delicadezas da vida, das dores, da capacidade de colocar-se no lugar do outro. A formação de sujeitos conscientes passa pela característica profundamente humana de ser empático. Nisso, a literatura é um bom caminho – bem como toda forma de arte. Que sejamos como o peixinho vermelho de Nelson Cruz, que consigamos nadar contra a corrente – e, como educadores, que consigamos formar peixinhos de diversas cores, empáticos, críticos, transgressores! Essas são as considerações finais de um alguém esperançoso.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.
- ALPHEN, J-C. **Super**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2017.
- AMAZON. Livros: literatura e ficção. **Pipo e Fifi**. 2018? Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Pipo-Fifi-Paranaense-Caroline-Arcari/dp/8592468205>. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.
- ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas educacionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- ARCARI, C. **Pipo e Fifi**: ensinando proteção contra violência sexual. Ilustrações de Isabela Santos. 5. ed. Curitiba: Editora Caqui, 2018.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARBOSA, J. R. A. **A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo**: um desafio para o educador. Democratizar, v. II, n. 1, jan./abr. 2008.
- BATISTA, R. Slide Share. **A preciosa pergunta da pata**, 2013. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/rcgcbatista/a-preciosa-pergunta-da-pata>. Acesso em: 23 jul. 2020. il. color.
- BLOG DA BOITEMPO. **Chegaram os primeiros livros do selo infantil da Boitempo, o Boitató!**. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/12/04/chegaram-os-primeiros-livros-do-selo-infantil-da-boitempo-o-boitata/#:~:text=Como%20parte%20das%20comemora%C3%A7%C3%B5es%20dos,de%20livros%20instigantes%20e%20envolventes>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- BOITEMPO. Produto. **Pode Pegar!**. 2017. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/pode-pegar-645>. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.
- BRECHT, B. **Se os tubarões fossem homens**. Ilustrações de Nelson Cruz. Tradução de Christine Röhrig. Curitiba: Edições Olho de Vidro, 2018.

- BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**: Leitura e formação. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.
- BUITRAGO, J. **Eloísa e os bichos**. Ilustrações de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.
- BUITRAGO, J. **Para onde vamos**. Ilustrações de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.
- CALI, D. **A rainha das rãs não pode molhar os pés**. Ilustrações de Marco Somà. Tradução de Miguel Gouveia. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.
- CÂMARA, A. Z. **O cabelo de Cora**. Ilustrações de Taline Schubach. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHMIELEWSKA, I. **Diário de Blumka**. Tradução de João Guimarães. São Paulo: Pulo do Gato, 2017.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas**: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.
- CORAZZA, S. M. **Infância & educação**: era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORMAND, B. **O menino perfeito**. Tradução de Dani Gutfreund. São Paulo: Livros da Matriz, 2017.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUNHA, L. **Um dia, um rio**. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.
- DARNTON, R. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da histórica cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DE ALMEIDA, M. B. **O vovô consertador**. Ilustrações de Mila Scramignon. São Paulo: Chiado Editora, 2016.
- DE BARROS, M. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- DIPACHO. **Dois passarinhos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- EDITORA VOO. Loja Vooinho. **A menina que abraça o vento**. 2018. Disponível em: <https://www.editoravoo.com.br/produto/a-menina-que-abraca-o-vento-a-historia-de-uma-refugiada-congolesa-fernanda-paraguassu/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017 (Coleção questões da nossa época; v. 22).

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. Começando uma conversa sobre currículo. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Currículo na contemporaneidade**: incertezas e desafios. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GARLAND, S. **Um outro país para Azzi**. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

GAIVOTA, G. **Chico Juba**. Ilustrações de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GATO LEITOR. Livros. **O passeio**. 2019? Disponível em: <http://www.gatolector.com.br/livros/o-passeio>. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.

GHEDIN, E. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. **Anais**. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

HINOJOSA, F. **A pior senhora do mundo**. Ilustrações de Rafael Barajas (El Fisgón); Tradução de J. R. Penteado. São Paulo: SESI-SP editora, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HUNT, P. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOHAN, W. O. (Org.). **Lugares da infância**: filosofia. [S.l.]: Editora DP&A, 2004.

KUHLMANN JR, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUGONES, P. **O passeio**. Ilustrações de Alexandre Rampazo. Blumenau: Gato Leitor, 2017.

MAGALHÃES, I. “Era uma vez”: Um breve histórico das histórias para crianças. In: TIERNO, G. (Org.). **A Arte de contar histórias**: abordagens poéticas, literária e performática. São Paulo: Ícone, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, I. M. **Daqui ninguém passa!**. Ilustrações de Bernardo P. Carvalho. São Paulo: SESI-SP editora, 2016.

MAZZA. **Mazza Edições e Penninha Edições**: pioneirismo e resistência. 2020. Disponível em: <https://www.mazzaedicoes.com.br/editora/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MAZZARI, M. O bicentenário de um clássico: poesia do maravilhoso em versão original. In: GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos maravilhosos infantis e domésticos** [tomo 1]. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MORASHÁ. Holocausto. **Janusz Korczak e seu 'Diário do Gueto'**. 2008. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/holocausto/janusz-korczak-e-seu-diario-do-gueto.html>. Acesso em: 25 jul. 2020.

OLHO DE VIDRO. Livros. **Se os tubarões fossem homens**. 2018? Disponível em: <http://edicoesolhodevidro.com.br/livros/se-os-tubaroes-fosem-homens/>. Acesso em: 26 jul. 2020. il. color.

PALLAS. **A editora**. 201-. Disponível em: http://www.pallaseditora.com.br/pagina/a_editora/2/. Acesso em: 19 jul. 2020.

PARAGUASSU, F. **A menina que abraça o vento**: a história de uma refugiada congoleza. Ilustrações de Suryara Bernardi. Curitiba: Vooinho, 2017.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PLATÃO. **A República**. Brasília: Editora Kiron, 2012 (Coleção Filosofia à Maneira Clássica).

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PULO DO GATO. **Catálogo Digital**. Editora Pulo do Gato, 2017. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/29936/1497365161catalogo_digital_2017.pdf?utm_campaign=agradecimento_catalogo&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em: 19 jul. 2020.

PULO DO GATO. Issuu. **Letras de carvão**. 2020. Disponível em: https://issuu.com/pulodogato/docs/letras_de_carvao___marcadagua. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.

PULO DO GATO. Issuu. **Diário de Blumka**. 2020. Disponível em: https://issuu.com/pulodogato/docs/diario_de_blumka_marcadagua. Acesso em: 25 jul. 2020. il. color.

PULO DO GATO. Loja. **Super**. 2020. Disponível em: <https://editorapulodogato.lojaintegrada.com.br/super>. Acesso em: 26 jul. 2020. il. color.

PULO DO GATO. Loja. **Um dia, um rio**. 2020. Disponível em: <https://editorapulodogato.lojaintegrada.com.br/um-dia-um-rio>. Acesso em: 26 jul. 2020. il. color.

RIOS, R. **Foi ele que escreveu a ventania**. Ilustrações de Mauricio Negro. São Paulo: Pulo do Gato, 2017.

ROCHA, Eliandro. **Roupa de Brincar**. Ilustrações de Elma. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

SACRISTÁN, J. G. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SARAMAGO, José. **A Maior Flor do Mundo**. Ilustrações de João Caetano. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

SESI-SP EDITORA. Catálogo. **Daqui ninguém passa**. 2016? Disponível em: <https://www.sesispeditora.com.br/produto/daqui-ninguem-passa/>. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.

SIDI, P. M.; CONTE, E. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017.

SILVA, G. O. V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995.

TAUBMAN, A. V. **Não me toca, seu boboca!**. Ilustrações de Thais Linhares. Belo Horizonte: Aletria, 2017.

TOKITAKA, J. **Pode pegar!**. São Paulo: Boitatá, 2017.

TRANSGRESSÃO. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transgressao/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRANSGRESSÃO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/transgressao>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRANSGRESSÃO. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/transgressao/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRANSGREDIR. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transgredir/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRANSGREDIR. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/transgredir>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRANSGREDIR. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/transgredir/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

TRAVESSA. Livro infantil. **Dois passarinhos**. 2015? Disponível em: <https://www.travessa.com.br/dois-passarinhos-1-ed-2015/artigo/2720ef85-7f67-4e6b-bc80-ced02381bf2e>. Acesso em: 24 jul. 2020. il. color.

VAN DEN BERG, L. **A preciosa pergunta da pata**. Ilustrações de Ann Ingelbeen. Tradução de Vânia Maria Araujo de Lange. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

VASCO, I. **Letras de carvão**. Ilustrações de Jean Palomino. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato: 2016.

VIGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madrid: Ediciones Akal, 2003.